

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUISTICA GERAL E ROMÂNICA



RELATÓRIO DE PROJECTO DE TRADUÇÃO
ASPECTOS LINGÜÍSTICOS NA TRADUÇÃO DE
THE PHYSIOTHERAPIST'S POCKET BOOK
ESSENTIAL FACTS AT YOUR FINGERTIPS

Catarina Dias Cruz Silva
MESTRADO EM TRADUÇÃO

ANO LECTIVO DE 2008/2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUISTICA GERAL E ROMÂNICA



RELATÓRIO DE PROJECTO DE TRADUÇÃO
ASPECTOS LINGÜÍSTICOS NA TRADUÇÃO DE
THE PHYSIOTHERAPIST'S POCKET BOOK
ESSENTIAL FACTS AT YOUR FINGERTIPS

Catarina Dias Cruz Silva
MESTRADO EM TRADUÇÃO

TRABALHO DE PROJECTO ORIENTADO PELA
PROFESSORA DOUDORA MARIA CLOTILDE ALMEIDA

ANO LECTIVO DE 2008/2009

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Clotilde Almeida, orientadora do projecto, agradeço o apoio prestado, a partilha do saber e as preciosas contribuições para o enriquecimento do trabalho.

À Doutora Isabel Pataca, nefrologista, pela amizade e grande apoio prestado, ajudando-me a clarificar algumas das questões que surgiram no seguimento do trabalho.

À Doutora Michelle Smith Cordeiro, anatomopatologista, que despendeu muito do seu tempo para me receber e ajudar a solucionar muitas das dúvidas surgidas ao longo do trabalho de tradução.

À Doutora Cristina Martins, fisioterapeuta que, graças ao seu vasto conhecimento na área da fisioterapia, deu um contributo decisivo para o sucesso da minha tradução.

À minha família e amigos um muito obrigada pelo incentivo recebido ao longo da realização deste trabalho, estimulando-me a nível intelectual e emocional.

A minha sincera gratidão a todos aqueles que, directa ou indirectamente, cooperaram para a concretização deste projecto.

RESUMO

The Physiotherapist's Pocket Book Essential Facts at your Fingertips é uma obra que tem como tema principal a fisioterapia e está subdividida em quatro áreas específicas: sistema músculo-esquelético, sistema neurológico, sistema respiratório e farmacologia. Apresenta, ainda, no final, uma secção de apêndices onde há uma lista de siglas, de conversões e unidades, de valores laboratoriais, entre outros. Esta obra dirige-se a todos os profissionais de saúde, estudantes de fisioterapia ou medicina em geral e também ao público leigo. Destina-se à consulta rápida e fácil e, por isso, encontra-se numa linguagem acessível a todos.

A tradução da obra procurou respeitar os mesmos objectivos dos autores. Foi um processo complexo, uma vez que muitos dos termos se encontravam referenciados apenas em Português do Brasil, havendo, por essa razão, a necessidade de procurar o correspondente em Português Europeu, de modo a facilitar a consulta do público-alvo português.

O relatório deste projecto expõe os principais problemas do trabalho de tradução, dividindo-se em dois pontos: as questões interlinguísticas que englobam sinonímia interlinguística, empréstimos de diversas línguas, decorrentes do controlo linguístico inglês-português, falsos amigos, metáforas e metonímias terminológicas e as questões intralinguísticas, onde se trata dos problemas de tradução relacionados com a frase e coesão frásica, com a rede de co-referência e com o uso de determinantes. Foi também elaborado um glossário, por se achar importante esclarecer alguns termos contidos na obra, bem como siglas e acrónimos; do relatório consta, igualmente, uma breve explicação sobre as diferenças entre o Português do Brasil e o Português Europeu.

Para o trabalho da tradução recorreu-se a dicionários bilingues e unilingues, tanto na língua de partida como na língua de chegada e a sítios de internet. Foram também consultados profissionais de saúde.

Palavras-chave: fisioterapia, avaliação neurodinâmica, músculo-esquelética, neurológica e respiratória, monitorização cardio-respiratória

ABSTRACT

The Physiotherapist's Pocket Book Essential Facts at your Fingertips is a book on physiotherapy; is subdivided in four particular areas: musculoskeletal system, neurological system, respiratory system and pharmacology. At the end of the book there is also a section of appendices which encompasses a list of abbreviations, conversions and units and laboratory values. This book is of great value for all health professionals, physiotherapy and Medicine students and also for public in general. The book's main objective is to provide quick and easy access to the theme and therefore it is written in simple style accessible to all readers.

The book's translation tried to respect these same objectives of the authors. It was a complex process, since the majority of the terms were signalized only in Portuguese spoken in Brazil, and for that reason, it was necessary to look up for correspondent terms in European Portuguese spoken in order to facilitate the access to the Portuguese public.

The project's report shows the main translation problems which are divided in two areas: the interlinguistic one that deals with the questions concerning equivalences, loan words, false friends, scientific-technical metaphors and metonymies and the intralinguistic one that handles translation problems related to the construction of complex sentences, co-reference networks, determinants usage. A glossary was also elaborated in order to clarify scientific terminology as well as abbreviations and acronyms; a brief explanation on the differences between Brazilian Portuguese and European Portuguese was also introduced.

During the translation process, some bilingual and unilingual dictionaries were consulted, both in English and Portuguese, as well as the internet sites. Advice from health professionals played a decisive role in the translated text.

Key words: physiotherapy, neurodynamic, musculoskeletal, neurological and respiratory assessment, cardiorespiratory monitoring

ÍNDICE

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice	iv
0. Introdução	1
1. Questões Linguísticas na Tradução da obra	3
1.1. Língua de especialidade	3
1.2. Questões semânticas	5
1.2.1. Especificação Lexical	5
1.2.2. Inglês <i>versus</i> Português	8
1.2.3. Sinonímia Intralinguística em Português	10
1.2.4. Dificuldades de Tradução	12
1.3. Sinonímia Interlinguística	16
1.3.1. Dificuldades de Tradução	19
1.4. Empréstimos	23
1.4.1. Traduções por Empréstimo	26
1.4.2. Siglas e Acrónimos	28
1.5. Falsos Amigos	31
1.6. Metáforas Terminológicas	37
1.6.1. Casos Particulares	41
1.6.2. Expressões Idiomáticas	43
1.7. Metonímias Terminológicas	45
1.8. Questões intralinguísticas da Tradução	51
1.8.1. Frase e Coesão Frásica.....	52
1.9. Co-referência.....	59
1.10. Determinantes	68
1.10.1. Quantificadores.....	71
2. Glossário	75
3. Português do Brasil vs Português Europeu	78

4. Conclusão.....	86
5. Bibliografia	87
6. Anexos	
6.1. Anexo 1 – Guia prático para o Fisioterapeuta – Questões essenciais de fácil consulta	
6.2. Anexo 2 – Glossário	

0. INTRODUÇÃO

O presente relatório tem por objectivo dar conta das questões linguísticas decorrentes da tradução da obra *The Physiotherapist's Pocket Book Essential Facts at your Fingertips*. Esta obra foi por mim escolhida para projecto de tradução conducente ao grau de mestre em Tradução pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo a sua elaboração decorrido no terceiro e quarto semestres de 2008-09.

O projecto de tradução da obra supracita constituiu para mim um verdadeiro desafio devido ao elevado grau de dificuldade, uma vez que se trata de um texto multimodal de índole científico-técnica respeitante às várias áreas da medicina que se entrecruzam no domínio da fisioterapia. O seu objectivo principal é proporcionar uma consulta rápida e fácil em Português Europeu, quer a profissionais de saúde quer a estudantes desta disciplina específica, quer ainda ao público em geral. Esta era a meta principal dos autores da obra e foi também o meu objectivo, dado que procurei tornar este documento acessível ao público português.

The Physiotherapist's Pocket Book Essential Facts at your Fingertips é um manual que, centrado na fisioterapia, se encontra subdividido em cinco secções: sistema músculo-esquelético, sistema neurológico, sistema respiratório e farmacologia. Acresce ainda referir a existência de uma secção de apêndices. Estes capítulos tratam temas muito específicos que abrangem diferentes áreas da medicina, fundamentalmente, ortopedia, neurologia e otorrinolaringologia.

O relatório constitui uma reflexão sobre as questões linguísticas de tradução em vários planos. Para além dos problemas acima referidos, houve a necessidade de confrontar termos e expressões do Português do Brasil com termos e expressões do Português Europeu. Esta necessidade ficou a dever-se ao facto de grande parte do vocabulário médico em dicionários e sítios de internet se encontrar traduzido somente para a variedade do Português do Brasil.

O relatório versa três aspectos relevantes em trabalhos com estas características:

1. Problemas linguísticos da tradução – este ponto está subdividido em questões interlinguísticas da tradução (questões semânticas de sinonímia interlinguística relativas a empréstimos, falsos amigos, metáforas e metonímias terminológicas) e em questões intralinguísticas de tradução (frase e coesão frásica, que engloba redes de co-referência, bem como o uso de determinantes;
2. Aspectos referentes à elaboração de um glossário de termos e expressões técnicas, de siglas e de acrónimos;
3. Diferenças entre as variedades do Português do Brasil e do Português Europeu.

Para uma consulta adequada do presente relatório farei, aqui, menção à área da terminologia científica cujos princípios fundamentais estiveram na base da sua estruturação. Sublinhe-se que não se pressupõe uma investigação profunda nesta área do conhecimento, mas apenas uma breve incursão, a fim de justificar determinadas escolhas na configuração do próprio relatório.

Cada ponto do relatório é constituído por uma introdução, onde se explica de forma breve, o assunto versado. Em seguida, são dados exemplos retirados da obra para melhor ilustrar o assunto em questão. Estes exemplos são explicados sempre que for considerado necessário e, caso se queira consultar o contexto em que os mesmos ocorrem, são indicados o título do capítulo e a página onde podem ser encontrados. Finalmente, elabora-se uma breve conclusão sobre o assunto tratado.

Apenas ao relatório estão dois anexos: a tradução para Português Europeu e o respectivo glossário.

Espero que este relatório evidencie todo o meu empenho na elaboração do mesmo, bem como da tradução que lhe serve de suporte.

1. QUESTÕES LINGUÍSTICAS NA TRADUÇÃO DA OBRA

1.1 Língua de Especialidade

Na sua obra *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência em Medicina*, Contente (2008: 30) aborda a questão da *língua de especialidade*, isto é, o vocabulário e o léxico de uma língua que são específicos de uma dada especialidade, mas que surgem no seio de uma língua natural da qual esta constitui um subsistema autónomo. A autora faz referência a R. Galisson e D. Coste (1976: 511) que definem as *línguas de especialidades* como línguas científicas, línguas técnicas e línguas profissionais.

Relativamente à *língua de especialidade*, segundo definição de Contente (2008: 33) “é um conjunto de meios linguísticos utilizados numa situação de comunicação de uma determinada especialidade, a fim de assegurar a comunicação entre os seus pares” (Lothar Hoffman (1984:53). Assim, segundo Contente (ibid.), a *língua de especialidade* difere da *língua comum*, uma vez que a primeira se baseia em “precisão, univocidade denominativa, economia, relação matéria/objecto”, enquanto a segunda é caracterizada pela “polissemia, ambiguidade, redundância, multiplicidade situacional e temática”. Na *língua de especialidade* os termos acabam por ser muito mais precisos do que na *língua comum*.

Não se pode, contudo, ignorar que, no plano intralinguístico, os termos que compõem uma língua de especialidade surgem no contexto de uma língua natural, Cabré (2000b: 13-14) *apud* Contente (2008: 43). Deste modo, “a unidade terminológica apresenta muitas vezes, traços comuns com os nomes do vocabulário corrente; no entanto, ela caracteriza-se por um número específico de traços semânticos.” (cf. Contente ibid.).

No plano interlinguístico, pode-se afirmar que a Medicina é uma especialidade que utiliza uma linguagem própria, técnica, com “sistemas de classificações (...) de modo a facilitar uma internacionalização conceptual e temática entre instituições e especialistas dos diferentes países.” (cf. Contente 2008: 32). Para este facto, contribuem decisivamente os numerosos termos comuns no plano interlinguístico, uma vez que os “ (...) internacionalismos (termos, formantes e latinismos) têm uma função importante na universalidade da língua científica médica (...).” (cf. Contente 2008: 21).

Como se pode depreender desta curta apresentação desenha-se, desde logo, no plano intralinguístico, o problema da harmonização da *língua de especialidade* com a *língua comum*, uma vez que, apesar daquela derivar desta, a fronteira entre *língua de especialidade* e *língua comum* é, em larga medida, fluida, sobretudo em contextos de uso entre especialistas e não especialistas. Esta questão afigura-se particularmente pertinente no contexto do presente trabalho, dado que a obra, cuja tradução serve de base ao presente relatório, se destinar quer a um público especializado, quer a um público não especializado.

Não se pode, pois, ignorar que existe também uma dimensão pragmática subjacente ao uso da *língua de especialidade* a partir da qual se pode traçar um paralelo com a *língua comum*. Deste modo, “assim como a *pragmática* estuda o uso da língua que é feita pelos interlocutores em situação de comunicação, também a *terminologia* se debruça sobre a funcionalidade das unidades terminológicas em situação de comunicação especializada de conhecimentos científicos.” (Contente 2008: 71).

Em suma, o presente relatório de tradução, embora opte por dar prioridade às questões interlinguísticas da tradução, também se debruça sobre questões intralinguísticas de índole semântico-sintáctica decorrentes da estruturação sintáctica do Português Europeu.

1.2. QUESTÕES SEMÂNTICAS

O presente ponto do trabalho tem como primeiro objectivo abordar os problemas de tradução que têm a ver com a introdução ou com a supressão de termos no confronto interlinguístico. Como segundo objectivo, são apresentados alguns termos que na língua inglesa podem ter diferente expressão, mas que são, de facto, sinónimos. Finalmente, como terceiro e último objectivo, será abordada a questão da tradução do vocabulário técnico, uma vez que este tipo de léxico é uma constante na obra.

1.2.1 Especificação Lexical

É com alguma frequência que a terminologia médica em inglês ao ser traduzida para português se afigura de alguma forma redundante. Deste modo, torna-se necessário a supressão de alguns termos, uma vez que se devem evitar redundâncias na língua de chegada. Estas diferenças prendem-se com o facto de, nas línguas germânicas e, neste caso, no inglês, se optar, de uma maneira geral, por uma maior especificação lexical. Pelo contrário, em português a especificação lexical através do recurso a adjectivos é desnecessária, uma vez que o significado já se encontra implícito no nome constante do co-texto. Atente-se aos seguintes exemplos em que, na tradução portuguesa, são suprimidos os adjectivos:

Exemplo 1

*“The most common causes of bacterial meningitis in **young children** are Neisseria Meningitidis (meningococcal meningitis) and Haemophilus influenza.”* (Pág. 145 – Meningitis) – *“As causas mais comuns da meningite bacteriana nas **crianças** são a Neisseria Meningitidis (meningite cerebrospinal) e a Haemophilus influenzae.”* (Pág. 150 – Meningite)

Reforço de ideia: young children

Supressão de palavra: young

Exemplo 2

*“Note: positioning **small children** and infants to maximize ventilation/perfusion – rather than for postural drainage and removal of secretions – requires a different approach to adults.”* (Pág. 196 – Note) – *“Nota: o posicionamento de **crianças** e de bebês para maximizar a ventilação/perfusão – preferencialmente para drenagem e remoção de secreções – requiere uma abordagem diferente da dos adultos.”* (Pág. 201 – Nota)

Reforço de ideia: small children

Supressão de palavra: small

No primeiro exemplo, o adjectivo *young* foi suprimido na tradução portuguesa, pois subentende-se que as crianças são jovens. Se tivesse traduzido por *crianças jovens* esta combinatória tornar-se-ia redundante em português.

O mesmo se aplica ao segundo exemplo: o adjectivo *small* foi suprimido, uma vez que este significado já está implícito no termo *crianças*.

Exemplo 3

*“If the pleural surfaces are inflamed or infected they become rough and **rub together** creating a creaking or granting sound.”* (Pág. 170 – Pleural rub) –

*“Se as superfícies pleurais estiverem inflamadas ou infectadas tornam-se ásperas e **provocam atrito**, produzindo chiadeira.”* (Pág. 174 – Atrito pleural)

Reforço de ideia: rub together

Supressão da partícula: together

No exemplo 3 a partícula *together* foi suprimida na tradução para português, uma vez que, em língua portuguesa, o significado já se encontra implícito no verbo. De facto, não é necessário especificar que *rub* se produz por atrito entre os dois elementos.

Exemplo 4

*“Sperm can also be affected as they share a similar structure to cilia, leading to **infertility in males**.”* (Pág. 194 – Primary ciliary dyskinesia) – *“O esperma também pode ser atingido, dado que tem uma estrutura morfológica semelhante à dos cílios, e assim, provocar **infertilidade**.”* (Pág. 196 – Disfunção ciliar primária)

Reforço de ideia: infertility in males

Supressão de palavras: males

Também neste caso, decidi, na tradução para o português, suprimir o nome *males*, dado que, no contexto linguístico imediato, figura a palavra *sperm* que remete inequivocamente para a infertilidade masculina.

Verifica-se, assim, que, para a frase na língua de partida (inglês) não se tornar redundante na língua de chegada (português), é necessário eliminar especificações lexicais que se encontram implícitas no significado de outros termos do co-texto. Deste modo, a frase tornar-se-á mais compreensível com um número mais reduzido de elementos.

1.2.2. Inglês *versus* Português

Os exemplos que se seguem reportam-se a algumas palavras em que se regista sinonímia intralinguística em inglês, mas que têm um único correspondente em português.

Como se observa no exemplo abaixo, regista-se sinonímia intralinguística em inglês entre *rigidity* e *stiffness*. Tal é motivado pelo facto de que *rigidity* é de origem latina, ao passo que *stiffness* é de origem germânica.

Exemplo 5

*“...posture and coordination and leads to the characteristic symptoms of **rigidity**, slowness of voluntary movement, poor postural reflexes and resting tremor. (...). Early symptoms of Parkinson’s include aches and **stiffness**, difficulty with fine manipulative movements...”* (Pág. 147 – Parkinson’s disease) – *“... a postura e a coordenação manifestando-se por sintomas característicos de **rigidez**, de lentidão ao movimento, dos reflexos posturais reduzidos e tremor em repouso. (...). Os sintomas precoces desta doença incluem dores e **rigidez**, dificuldade em manipulações precisas...”* (Pág. 149 – Doença de Parkinson)

Palavras em inglês: rigidity/ stiffness

Tradução: rigidez

Nas ocorrências abaixo surge um caso semelhante, uma vez que para a representação de *doença* existem em inglês dois sinónimos *disease* e *illness* que correspondem a uma única palavra em Português Europeu corrente.

Exemplo 6

*“A chronic, progressive **disease** characterized by multiple demyelinating lesions (plaques) throughout the central nervous system.”* (Pág. 146 – Multiple sclerosis) – *“A esclerose múltipla é uma **doença** crónica, progressiva, caracterizada por múltiplas lesões desmielinizantes (placas) através do sistema nervoso central.”* (Pág. 150 – Esclerose múltipla)

Exemplo 7

*“A recurrence or progression of neuromuscular symptoms that appears in people who have recovered from acute paralytic poliomyelitis, usually 15-40 years after the original **illness**.”* (Pág. 147-148 – Post polio syndrome) – *“Esta síndrome é uma recorrência ou uma progressão dos sintomas neuromusculares que aparece nas pessoas que recuperaram de poliomielite parálitica aguda, normalmente entre 15-40 anos após a **doença** original.”* (Pág. 153 – Síndrome pós-polio)

Palavras em inglês: disease/illness

Tradução: doença

No exemplo 8 abaixo também se constata um caso de sinonímia intralinguística em inglês, dado que existem duas palavras para paralisia *palsy* e *paralysis*.

Exemplo 8

*“Bell’s **palsy**, loss of taste and ability to close eyes”* (Pág. 132 – Abnormal signs – facial) – *“**Paralisia** de Bell, perda do paladar e capacidade em fechar os olhos”* (Pág. 136 – Sinais anormais – facial)

Exemplo 9

*“Vocal cord **paralysis**, dysphagia, loss of sensation from internal organs”*
(Pág. 133 – Abnormal signs – Vagus) – *“**Paralisia** das cordas vocais, disfagia, perda de sensação desde os órgãos internos”* (Pág. 137 – Sinais anormais – Pneumogástrico)

Palavras em inglês: palsy/paralysis

Tradução: paralisia

1.2.3. Sinonímia intralinguística em português

O caso contrário também se verifica, ou seja, um termo em inglês encontra diversos sinónimos em português, sendo que, porém, na generalidade dos casos, *paciente* pertence à terminologia médica, como é evidenciado no exemplo abaixo. Contudo, não posso deixar de referir que tem vindo a ser cada vez mais usado em linguagem comum.

Exemplo 10

*“Ideally **patients** should be sitting upright and be asked to breathe through the mouth to reduce nose turbulence.”* (Pág. 168 – Auscultation) – *“Preferencialmente, os **pacientes** devem estar sentados direitos e respirar através da boca para reduzir a turbulência nasal.”* (Pág. 173 – Auscultação)

Palavra em inglês: patient

Hipóteses: paciente ou doente

Tradução: paciente

Relativamente ao uso de *inchaço* ou *edema* registo que fazem parte, respectivamente, da linguagem comum ou da terminologia científica-técnica da medicina, sendo que, na tradução abaixo, se optou pelo termo científico-técnico, dado o cariz eminentemente científico do texto.

Exemplo 11

*“This increased pressure can have a number of causes but the main ones are **swelling** following major trauma, a cast being applied too tightly over an injured limb, or repetitive strain injury.”* (Pág. 74 – Compartment syndrome) –
*“Este aumento de pressão pode ter inúmeras causas mas as principais são o **edema** após traumatismo grave, um gesso aplicado de forma demasiado apertada sobre um membro ferido, ou uma lesão de esforço repetitivo.”* (Pág. 82 – Síndrome do compartimento)

Palavra em inglês: swelling

Hipóteses: inchaço ou edema

Tradução: edema

Exemplo 12

*“Patient flexes **hip** and knee on side being palpated while standing on opposite leg”* (Pág. 92 – Gillet’s test) – *“O paciente flecte a **anca** e o joelho do lado que está a ser palpado enquanto se mantém de pé sobre a perna oposta.”* (Pág. 97 – Teste de Gillet)

Palavra em inglês: hip

Hipóteses: anca

Tradução: anca

1.2.4. Dificuldades de Tradução

Ao nível de vocabulário técnico foram encontradas muitas dificuldades de tradução, uma vez que as áreas da medicina abrangidas, sendo tão diversas, pressupõem um conhecimento terminológico específico nos seus vários domínios.

Esta especialização do léxico textual obrigou ao recurso muito frequente a diversos sítios de internet e a dicionários técnicos da área da medicina. Com essa pesquisa, cheguei à conclusão de que já existia tradução da maioria desses vocábulos para Português do Brasil. Este facto dificultou ainda mais a tradução, visto que, como é sabido, existem diferenças lexicais marcantes entre a variedade do Português do Brasil e o Português Europeu.

Para contornar esse problema, consultei profissionais de saúde de diversas áreas que muito contribuíram para a resolução de grande parte das dificuldades da tradução.

Em seguida, serão apresentados alguns exemplos ilustrativos dos aspectos acima referidos.

Exemplo 13

*“A similar inflammatory process can affect the **paratenon** of those tendons without synovial sheaths (peritendinitis).”* (Pág. 81 – Tenosynovitis) – *“Um processo inflamatório semelhante pode afectar o **paratendão** dos tendões sem bainhas sinoviais (peritendinite).”* (Pág. 83 – Tenossinovite)

Dificuldade de tradução: paratenon

Resolução: paratendão

O termo em inglês *paratenon* foi difícil de traduzir, visto que o seu significado/tradução em português não aparecia em qualquer dicionário ou em sítios de internet. Com efeito, ocorria apenas em sítios de origem brasileira, os quais se limitavam a recorrer ao empréstimo *paratenon*, o que não contribuía para a sua compreensão. Contudo, é importante realçar o facto de que o termo

paratendão engloba quer o tecido paratendinoso, que se encontra ao lado do tendão, quer o tecido peritendinoso, que se encontra à volta do tendão.

Trata-se, assim, de um dos vários casos em que a dificuldade de tradução foi solucionada, mediante consulta a uma profissional de saúde a quem recorri.

Exemplo 14

“*Thoracic outlet syndrome*” (Pág. 81 – Thoracic outlet syndrome) –
“*Síndrome de opérculo torácico*” (Pág. 82 – Síndrome do opérculo torácico)

Dificuldade de tradução: thoracic outlet

Resolução: opérculo torácico

A tradução literal de *Thoracic outlet syndrome* para *síndrome de saída do tórax*, não se afigura adequada, pelo que, de novo, foi necessário consultar um profissional de saúde para chegar à tradução correcta de *opérculo torácico*.

Exemplo 15

“Positive sign: *nystagmus, visual disturbances, dizziness, lightheadedness.*” (Pág. 100 – Vertebral artery test) – “Sinal positivo: *nistagmo, perturbações visuais, vertigens, tonturas.*” (Pág. 103 – Teste da artéria vertebral)

Dificuldade de tradução: *lightheadedness*

Resolução: tonturas

Exemplo 16

“Action: *laterally flexes and rotates neck; anterior fibres flex neck, posterior fibres extend neck*” (Pág. 50 – Sternocleidomastoid) – “Acção: *flexão e rotação externa do pescoço; flexão do pescoço mediante a acção das fibras anteriores, extensão do pescoço mediante a acção das fibras posteriores*” (Pág. 34 – Esternocleidomastóideo)

Dificuldade de tradução: *laterally* flexes and rotates neck

Resolução: rotação **externa**

Exemplo 17

“Action: *flexes knee, adducts hip, **medially** rotates tibia on femur*” (Pág. 35 – Gracilis) – “Acção: *flexão do joelho, adução da anca, rotação **interna** da tíbia em relação ao fémur*” (Pág. 40 – Grácil)

Dificuldade de tradução: *medially* rotates

Resolução: rotação **interna**

Os exemplos (16) e (17) acima ilustram uma das dificuldades mais frequentes na tradução da obra em questão. Os termos *lateral* e *medial*, no domínio da medicina, podem ser usados em diferentes contextos, daí que houvesse a dúvida se a tradução mais correcta seria *rotação lateral* ou *rotação externa* e *rotação medial* ou *rotação interna*. Este problema também foi solucionado recorrendo a uma profissional de saúde.

Exemplo 18

“*Locked-in syndrome*” (Pág. 144 – Locked-in syndrome) – “*Síndrome locked-in*” (Pág. 152 – Síndrome *locked-in*)

Dificuldade de tradução: locked-in syndrome

Resolução: síndrome *locked-in*

Dado que na minha pesquisa encontrei duas formas de traduzir *locked-in syndrome*, a saber, *pseudocoma* e *locked-in síndrome*, optei pela segunda hipótese, na sequência de consulta a uma profissional de saúde.

Exemplo 19

*“Posterior and anterior spinocerebellar – reflex and **proprioception**”* (Pág. 122 – Ascending tracts) – *“Espinocerebular posterior e anterior – reflexo e **propriocepção**”* (Pág. 125 – Tractos Ascendentes)

Dificuldade de tradução: proprioception

Resolução: propriocepção

O termo *proprioception* foi difícil de traduzir, uma vez que não constava nem dos dicionários usados nem dos sítios de internet. Também, neste caso, pude contar com a ajuda de uma profissional de saúde.

1.3. SINONÍMIA INTERLINGUÍSTICA

A “*situação de comunicação científica*”, que estabelece o discurso científico de uma língua, vai sendo alterada de acordo com as mudanças no campo científico. Assim sendo, os avanços científicos introduzem alterações quer no plano intralinguístico quer no plano interlinguístico, uma vez que as comunidades científicas de diferentes países se encontram em contacto.

Segundo Contente (2008: 244) “a universalidade da ciência e da técnica está presente na diversidade das línguas naturais. Transpõe-se a barreira linguística, aprendendo línguas de especialidade estrangeiras ou traduzindo-se textos especializados. Linguisticamente, é de grande importância, a pesquisa de equivalências entre elementos linguísticos e de termos de duas ou mais línguas.”

No entanto, por haver uma internacionalização da comunicação científica, por se tratar, de facto, de uma linguagem universal, as diferenças científicas ao nível da língua são diminutas.

De acordo com Kocourek (1991a) *apud* Contente (2008: 248) existem equivalentes de *fidelidade semântica completa*, isto é, termos em português que apresentam equivalência em inglês, tanto a nível ortográfico como a nível fonético, facilitando a compreensão, uma vez que os termos são semelhantes em ambas as línguas, devido à sua etimologia grega ou latina.

Veja-se alguns exemplos.

Partes do corpo:

Exemplo 20

“**Trachea**” (Pág. 167 – Trachea) – “**Traqueia**” (Pág. 172 – Traqueia)

Termo equivalente: trachea – traqueia

Origem: grega – *trakheia*

Secreções:

Exemplo 21

“**Saliva**” (Pág. 174 – Sputum analysis) – “**Saliva**” (Pág. 179 – Análise da expectoração)

Termo equivalente: saliva – saliva

Origem: latina – *salīva*

Farmacologia:

Exemplo 22

“**Adenosine** (anti-arrhythmic)” (Pág. 214 – Adenosine) – “**Adenosina** (Pág. 218 – anti-arritmico)

Termo equivalente: adenosine – adenosina

Origem: desconhecida

Explicação: substância que aparece livre no pâncreas e cristaliza em agulhas finas, incolores, fusíveis e pouco solúveis na água.

Exemplo 23

“**Aspirin** (non-steroidal anti-inflammatory)” (Pág. 215 – Aspirin) – “**Aspirina** (anti-inflamatório não-esteróide)” (Pág. 219 – Aspirina)

Termo equivalente: aspirin – aspirina

Origem: alemã – *Aspirin* (cf. Collins 2001:82) – “from A(cetyl) + Spir(säure) spiraeic acid (modern salicylic acid) + -in”

Explicação: designação do ácido acetilsalicílico, empregado como analgésico e antipirético.

Exemplo 24

“**Atropine** (antimuscarinic)” (Pág. 216 – Atropine) – “**Atropina** (antimuscarínico)” – (Pág. 220 – Atropina)

Termo equivalente: atropine – atropina

Origem: grega – *Átropos* (mitologia: a Parca que cortava o fio da vida) pelo latim *atrōpa*- “beladona” + *-ina* (Pág. 187 – Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora)

Explicação: alcalóide muito venenoso extraído da beladona, com implicações medicinais.

Doenças ou sintomas:

Exemplo 25

“*Ipsilateral ataxia: **dysmetria**, dysdiadochokinesia, intention tremor, rebound phenomenon, dyssynergia, dysarthria*” (Pág. 131 – Cerebellum) – “*Ataxia ipsilateral: **dismetria**, disdiadococinesia, tremor intencional, fenómeno de ressalto, dissinergia, disartria*” (Pág. 135 – Cerebelo)

Termo equivalente: dysmetria – dismetria

Origem: grega: *ds*, “mal” + *métron*, “medida” + *-ia* (Pág. 566 – Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora)

Explicação: a dismetria é a falta de coordenação para posicionar um membro perfeitamente em relação a objectos; é a redução da capacidade de avaliar a amplitude ou distância de um movimento.

Exemplo 26

“**Emphysema**” (Pág. 191 – Emphysema) – “**Enfisema**” (Pág. 198 – Enfisema)

Termo equivalente: emphysema – enfisema

Origem: grega – *emphýsema*, "inchaço" (Pág. 625 – Dicionário de Língua Portuguesa, Porto Editora)

Explicação: tumefacção patológica causada pela infiltração de ar

1.3.1. Dificuldades de tradução

Convém sublinhar que, segundo Bo Svensén (1993) *apud* Contente (2008: 249), existem equivalentes *semanticamente completos* que apresentam diferenças significativas nas duas línguas de trabalho, podendo induzir o tradutor em erro, caso, por lapso, opte por uma tradução literal ou efectue um decalque fonológico da língua de partida na língua de chegada.

Veja-se alguns exemplos referentes a partes do corpo ou a doenças em que a terminologia científica nas duas línguas difere consideravelmente:

Partes do corpo:

Exemplo 27

“**Part of brainstem**” (Pág. 131 – Pons) – “**Parte do tronco cerebral**” (Pág. 135 – Pontes)

Termo equivalente: Part of brainstem – Parte do tronco cerebral

Exemplo 28

“**Vagus (X)**” – (Pág. 133 – Cranial nerves) – “**Pneumogástrico (X)**” (Pág. 137 – Pares cranianos)

Termo equivalente: Vagus (X) – Pneumogástrico (X)

Doença ou sintomas:

Exemplo 29

“**Trigeminal neuralgia**” (Pág. 149 – Trigeminal neuralgia) – “**Nevralgia facial**” (Pág. 151 – Nevralgia facial)

Termo equivalente: trigeminal neuralgia – nevralgia facial

Exemplo 30

“*Caused by rupture of an **emphysematous bulla**, in association with diseases such asthma, cystic fibrosis, pneumonia or COPD.*” (Pág. 194 – Spontaneous pneumothorax) – “*É causado pela rotura de uma **bolha enfisematosa**, em conjunto com doenças como a asma, fibrose quística, pneumonia ou DPCO.*” (Pág. 199 – Pneumotórax espontâneo)

Termo equivalente: Emphysematous bulla – bolha enfisematosa

Exemplo 31

“**Bradykinesia**” (Pág. 150 – Glossary of neurological terms) – “**Bradicinesia**” (Pág. 154 – Glossário de termos neurológicos)

Termo equivalente: Bradykinesia – Bradicinesia

Exemplo 32

“**Graphanaesthesia**” (Pág. 151 – Glossary of neurological terms) – “**Grafestesia**” (Pág. 155 – Glossário de termos neurológicos)

Termo equivalente: Graphanaesthesia – Grafestesia

Volumes e capacidades respiratórias:

Exemplo 33

“**VT (tidal volume)**” (Pág. 163 – VT) – “**VC (volume corrente)**” (Pág. 168 – VC)

Termo equivalente: VT (tidal volume) – VC (volume corrente)

Formantes latinos ou gregos:

Exemplo 34

“**adeno- – gland – adenoma**” (Pág. 252 do original) – “**adeno- (gr.) – glândula – adenoma**” (Pág. 257 da tradução)

Exemplo 35

“**carcin- – cancer – carcinogen**” (Pág. 252 do original) – “**carcino- (gr.) – cancro – carcinogeneo**” (Pág. 257 da tradução)

Latinismos:

Exemplo 36

“**angio- – vessel – angiogram**” (Pág. 252 do original) – “**angio- (gr.) – vaso – angiografia**” (Pág. 257 da tradução)

Exemplo 37

“**brady- – slow – bradycardia**” (Pág. 252 do original) – “**bradi- (gr.) – lento – bradicardia**” (Pág. 257 da tradução)

Exemplo 38

“**costo- – rib – costochondral junction**” (Pág. 252 do original) – “**cost- (lat.) – costela – articulação costochondral**” (Pág. 257 da tradução)

Exemplo 39

“derm- – skin – dermatome” (Pág. 252 do original) – “derm- (gr.) – pele – dermatoma” (Pág. 257 da tradução)

Exemplo 40

“-ectasis – dilatation – bronchiectasis” (Pág. 252 do original) – “-ectasia – dilatação – bronquiectasia” (Pág. 258 da tradução)

Como se pode observar, os formantes latinos ou gregos têm um papel determinante na formação de termos científicos nas diferentes línguas e também no Português Europeu, sendo que constituem uma vasta base da sinonímia interlinguística no domínio da medicina.

1.4. EMPRÉSTIMOS

O léxico português, derivado principalmente do latim, tem sofrido alterações ao longo do tempo. Estas alterações lexicais constituem neologismos que, por vezes, resultam de extensões semânticas de palavras de outras áreas, ou da adopção de palavras estrangeiras que passam a fazer parte da língua que as adopta, neste caso a língua portuguesa, na qual passam a figurar como *empréstimos*.

Os empréstimos resultam dos estrangeirismos, pois significa que a língua não conseguiu adaptar a palavra. Mas, adaptados ou não, os empréstimos acabam por se integrar no léxico, independentemente da reacção dos falantes acerca do assunto.

Segundo Contente (2008: 203/204) os empréstimos “poderão ser considerados sinónimos marcados” e podem dividir-se em “*empréstimos formais integrais* (termos latinos), *empréstimos semânticos externos* (anglicismos ou outros) e *empréstimos semânticos internos* (empréstimos de outro domínio).” Contente afirma ainda que “no caso do empréstimo, a denominação emprestada é marcada porque se inscreve na rede conceptual de uma outra língua para o mesmo domínio.” O *empréstimo semântico externo*, “ao emprestar, por exemplo, o sentido de um termo inglês a uma denominação portuguesa com conteúdo semântico próprio têm como consequência a criação de uma polissemia.”

Na língua portuguesa, os *empréstimos semânticos externos* mais usados são os anglicismos e os galicismos. Na tradução de *The Physiotherapist's Pocket Book Essential Facts at your Fingertips* verifiquei que os anglicismos são os mais comuns, embora encontrasse latinismos e um exemplo de galicismo.

É também de salientar o facto de que os empréstimos não são os únicos termos a serem adaptados à língua de chegada: o decalque também faz parte integrante de uma língua de especialidade. O decalque “é a tradução literal de uma denominação em uso numa língua estrangeira. Distingue-se do

empréstimo porque não conserva a forma integral da denominação estrangeira” (Contente: 2008: 204).

Atente-se de seguida alguns desses exemplos:

Latinismos:

Registe-se que os latinismos estão presentes na obra original, o que nos indica que também a língua inglesa adoptou termos do latim. A maioria destes latinismos está presente na secção relativa ao sistema músculo-esquelético, embora se possam encontrar outros exemplos nas outras secções. Neste último caso, ocorrem sobretudo como designações de doenças.

Num primeiro caso apresento os empréstimos formais integrais, isto é, são empréstimos directos do latim para a língua de chegada, o Português Europeu.

Exemplo 41

Neisseria Meningitidis/Haemophilus Influenza – “*The most common causes of bacterial meningitis in young children are **Neisseria Meningitidis** (meningococcal meningitis) and **Haemophilus influenza**.*” (Pág. 145 – Meningitis) – “*As causas mais comuns da meningite bacteriana nas crianças são a **Neisseria Meningitidis** (meningite cerebrospinal) e a **Haemophilus influenzae**.*” (Pág. 150 – Meningite)

Exemplo 42

Miastenia Gravis – “**Miastenia Gravis**” (Pág. 146 – Miastenia Gravis) – “**Miastenia Gravis**” (Pág. 150 – Miastenia Gravis)

Exemplo 43

Haemophilus/Pseudomonas/Pneumococo/Mycoplasma/Klebsiella – “*Causes: **Haemophilus, Pseudomonas, Pneumococo, Mycoplasma, Klebsiella***” (Pág. 174 – Sputum analysis) – “*Causas: **Haemophilus, Pseudomonas, Pneumococo, Mycoplasma, Klebsiella***” (Pág. 179 – Análise da expectoração)

Exemplo 44

Diabetes mellitus – “*Other complications include male infertility, **diabetes mellitus**, liver disease and vasculitis.*” (Pág. 191 – Cystic fibrosis) – “*Outras complicações incluem infertilidade masculina, **diabetes mellitus**, doença hepática e vasculite.*” (Pág. 198 – Fibrose quística)

Exemplo 45

Streptococcus pneumoniae – “*Community-acquired pneumonia: most commonly caused by the bacterium **Streptococcus pneumoniae***” (Pág. 193 – Pneumonia) – “*pneumonia adquirida na comunidade: normalmente causada pela bactéria **Streptococcus pneumoniae***” (Pág. 199 – Pneumonia)

Exemplo 46

Pseudomonas, Klebsiella e Escherichia coli – “*The most common infective agents are bactéria such as **Pseudomonas, Klebsiella e Escherichia coli***” (Pág. 193 – Pneumonia) – “*Os agentes infecciosos mais comuns são as bactérias, tais como **Pseudomonas, Klebsiella e Escherichia coli.***” (Pág. 199 – Pneumonia)

Exemplo 47

Mycobacterium tuberculosis – “*A chronic infectious disease caused by **Mycobacterium tuberculosis** that is spread via the circulatory system or the lymph nodes.*” (Pág. 195 – Tuberculosis) – “*A tuberculose é uma doença infecciosa crónica causada pela **Mycobacterium tuberculosis** que se dissemina através do sistema circulatório ou dos nódulos linfáticos.*” (Pág. 200 – Tuberculose)

Exemplo 48

Staphylococcus aureus – “*MRSA – methicillin-resistant **Staphylococcus aureus***” (Pág. 245 – MRSA) – “*MRSA – **Staphylococcus aureus** resistente à meticilina*” (Pág. 249 – MRSA)

Exemplo 49

Pneumocystis carinii – “*PCP - Pneumocystis carinii pneumonia*” (Pág. 247 – PCP) – “*PPC – pneumonia Pneumocystis carinii*” (Pág. 232 – PPC)

1.4.1. Traduções por Empréstimo

Deste segundo grupo constam as traduções por empréstimo, isto é, termos adaptados da língua de partida, o inglês ou o latim, para a língua de chegada, o Português Europeu, no âmbito morfo-fonológico e/ou morfo-sintático.

Exemplo 50

*“Antibiotics work by destroying the **bacteria** or preventing them from multiplying while the body’s immune system works to clear the invading organism.”* (Pág.210 – Antibiotics) – *“Os antibióticos funcionam ao destruírem as **bactérias** ou a evitarem a sua multiplicação, enquanto o sistema imunitário previne a disseminação da infecção.”* (Pág. 214 – Antibióticos)

Exemplo 51

Dorsum of hand (Pág. 3) – dorso da mão (Pág. 8)

Exemplo 52

Dorsum of foot (Pág. 3) – dorso do pé (Pág.8)

Exemplo 53

Longus colli (Pág. 4) – longo do pescoço (Pág. 9)

Exemplo 54

Rectus capitis anterior (Pág. 4) – recto anterior da cabeça (Pág. 9)

Exemplo 55

Splenius capitis (Pág. 4) – esplénio da cabeça (Pág. 9)

Exemplo 56

Ligamentum nuchae (Pág. 5) – ligamento da nuca (Pág. 10)

Anglicismos:

Relativamente aos anglicismos foram mantidos na tradução sempre que não existiam termos correspondentes na terminologia médica portuguesa. No entanto, alguns desses anglicismos têm tradução para Português Europeu, mas o uso do empréstimo inglês já se vulgarizou na língua de chegada, conforme evidenciado nas ocorrências abaixo como *compliance* e *clearance*. Contudo, foi-me assegurado que se usa o termo português *resposta* para traduzir *compliance*.

Exemplo 57

Compliance – “*It also increases lung **compliance** and decreases the work of breathing.*” (Pág. 176 – Continuous positive airway pressure (CPAP)) – “*Também aumenta a **compliance** pulmonar e diminui a frequência respiratória.*” (Pág. 181 – Pressão positiva contínua nas vias áreas)

Exemplo 58

Clearance – “*Causes of infection include impaired mucociliary **clearance** due to congenital disorders such as primary ciliary dyskinesia or cystic fibrosis...*” (Pág. 189 – Bronchiectasis) – “*As causas da infecção incluem a diminuição da **clearance** mucociliar devido a alterações congénitas, como por exemplo, disquinesia ciliar primária ou fibrose quística...*” (Pág. 195 – Bronquiectasia)

Exemplo 59

Pacemakers – “***Pacemakers***” (Pág. 235 – Interferential) – “***Pacemakers***” (Pág. 237 – Interferencial)

Neste último exemplo não foi cunhado o termo português para o anglicismo *pacemaker*, que, como tal, é o único usado.

1.4.2. Siglas e acrónimos

Segundo Contente (2008: 263) as siglas “são constituídas por iniciais de certas unidades lexicais ou termos muito longos de modo a serem reproduzidos na sua totalidade; são uma consequência da economia do sistema linguístico e do próprio uso.” Já os acrónimos, são termos formados a partir de grupos de letras de um termo e cuja pronúncia é exclusivamente silábica.

Como já referi anteriormente a linguagem médica tem características muito específicas; o facto de ser uma linguagem universal ajuda à compreensão de muitas expressões e termos, independentemente da língua de chegada, isto é, muitos dos termos ou expressões médicas não têm correspondente para a língua de chegada por isso utilizam-se na língua de partida. É por esta razão que algumas siglas e acrónimos não têm correspondente na língua portuguesa daí que tenha deixado no original.

De seguida apresento uma lista breve de algumas siglas ou acrónimos presentes na tradução.

Siglas:

Exemplo 60

ACBT – active cycle of breathing technique (Pág. 238) – *ACBT – ciclo activo de técnicas respiratórias* (Pág. 242)

Exemplo 61

AVSD – atrioventricular septal defect (Pág. 239) – *AVSD – malformação do septo auriculoventricular* (Pág. 242)

Exemplo 62

C/O – complains of (Pág. 241) – *C/O – queixa-se de* (Pág. 243)

Exemplo 63

CDH – congenital dislocation of the hip (Pág. 240) – *DCA – deslocamento congénito da anca* (Pág. 244)

Exemplo 64

HFPPV – *high-frequency positive pressure ventilation* (Pág. 243) – **HFPPV** – *ventilação de alta frequência de pressão positiva* (Pág. 247)

Exemplo 65

HI – *head injury* (Pág. 243) – **HI** – *lesão na cabeça* (Pág. 247)

Exemplo 66

MSU – *midstream urine* (Pág. 245) – **MSU** – *análise à urina* (Pág. 249)

Exemplo 67

MVR – *mitral valve replacement* (Pág. 254) – **MVR** – *substituição da válvula mitral* (Pág. 249)

Exemplo 68

SAH – *subarachnoid haemorrhage* (Pág. 249) – **SAH** – *hemorragia subaracnoideia* (Pág. 253)

Exemplo 69

SVT – *supra ventricular tachycardia* (Pág. 250) – **SVT** – *taquicardia supraventricular* (Pág. 254)

Acrónimo:**Exemplo 70**

AROM – *active range of movement* (Pág. 239) – **AROM** – *movimento de extensão activo* (Pág. 242)

Exemplo 71

CAO – *chronic airways obstruction* (Pág. 240) – **CAO** – *obstrução crónica das vias aéreas* (Pág. 243)

Exemplo 72

HASO – *hip abduction spinal orthosis* (Pág. 243) – **OEAA** – *ortotese espinal da abdução da anca* (Pág. 250)

Exemplo 73

MAP – *mean airway pressure/mean arterial pressure* (Pág. 245) – **MAP** – *pressão média das vias aéreas/pressão arterial média* (Pág. 248)

Exemplo 74

SLAP – *superior labrum, anterior and posterior* (Pág. 249) – **SLAP** – *labro superior, anterior e posterior* (Pág. 253)

Galicismos:

Por pertencer essencialmente à linguagem comum, o único exemplo de galicismo é o termo *aide-mémoire* e integra o resumo do livro que se encontra na contra-capa do mesmo.

Exemplo 75

Aide-mémoire – “*This book is a comprehensive **aide-mémoire** with essential information for detailed physiotherapeutic assessment and the development of safe treatment plans.*” (capa do livro) – “*Esta obra é um **auxiliar de memória** compreensivo com informação essencial para uma detalhada avaliação fisioterapêutica e para o desenvolvimento de planos seguros de tratamento.*” (Pág. 272)

Posso, deste modo, concluir que os empréstimos e os estrangeirismos estão relacionados e que o seu uso é inevitável e “automático”. O uso destes empréstimos leva ao enriquecimento do léxico de uma língua e facilita a comunicação, quer sejam usados na sua forma original, quer sejam adaptados à língua que os adota, neste caso a língua portuguesa.

1.5. FALSOS AMIGOS

A semelhança entre duas línguas – a materna e a estrangeira – é um ponto positivo para as aquisições linguísticas de uma língua estrangeira quando esta está demasiado próxima da língua materna ou de qualquer outra língua que o falante domine. Contudo, esta semelhança esconde algumas armadilhas de vários tipos, com especial destaque para a falsa analogia decorrente da semelhança entre conceitos homónimos, mas com significados diferentes.

Esses termos são chamados, linguisticamente, de *heterossemânticos*, mas são conhecidos coloquialmente por *falsos amigos*.¹

Os falsos amigos podem ser divididos em dois grupos: os estruturais e os lexicais.

Os falsos amigos estruturais são estruturas sintácticas que se assemelham exteriormente, diferindo no aspecto semântico. Os exemplos mais comuns são os tempos verbais, cujo uso varia segundo a forma dos verbos (transitivos directos em português em vez de indirectos noutras línguas). Este grupo de falsos amigos existe em menor número do que os lexicais, sendo mais difíceis de trabalhar, uma vez que estão no uso inconsciente da língua.

Os falsos amigos lexicais reconhecem-se na base de aspectos externos, como a ortografia e a fonética, mas também na base de aspectos internos, como o género gramatical e o registo linguístico, fazendo sobressair a relação significante > significado dos pares de palavras. Note-se que o aspecto interno aponta para os valores gramaticais e culturais dos pares em questão.

Na obra *The Physiotherapist's Pocket Book Essential Facts at your Fingertips* os falsos amigos lexicais são recorrentes, o que constitui um factor acrescido de dificuldade. Foi combatida a tendência para traduzir decalcando a

¹ Este conceito de “falsos amigos” foi estabelecido em 1928 pelos linguistas franceses Maxime Koessler e Jules Derocquigny no livro *Les Faux Amis ou Les trahisons du vocabulaire anglais*. (www.wikipedia.com)

língua de partida, o que necessariamente levaria à cunhagem de termos inexistentes.

De seguida, serão dados alguns exemplos de falsos amigos encontrados durante a tradução da obra:

Exemplo 76

*“NIV is the provision of **ventilatory support** without intubation, usually via a mask or similar device, to the upper airway.”* (Pág. 177 – Non-invasive ventilation (NIV)) – *“A NIV é a provisão do **apoio respiratório** sem entubação para as vias aéreas superiores, normalmente através de uma máscara ou de um dispositivo semelhante.”* (Pág. 182 – Ventilação não invasiva (VNI))

Falso amigo: ventilatory support

Tradução incorrecta: apoio ventilatório

Tradução correcta: apoio respiratório

Neste exemplo pode verificar-se que a tradução da língua de partida não pode ser decalcada na língua de chegada, sendo que na língua de partida o termo é cunhado por metonímia, pois o apoio respiratório é realizado por ventilador.

Exemplo 77

*“A chronic, inflammatory autoimmune **connective tissue** disorder involving the skin, joints and internal organs.”* (Pág. 80 – Systemic lupus erythematosus)) – *“Doença inflamatória crónica, auto-imune, do **tecido conjuntivo**, envolvendo a pele, as articulações e os órgãos internos.”* (Pág. 79 – Lúpus eritematoso sistémico (LES))

Falso amigo: connective tissue

Tradução incorrecta: tecido conectivo

Tradução correcta: tecido conjuntivo

Como se pode observar, no exemplo acima referido, fiz um decalque do falso amigo ao traduzi-lo de forma literal, sendo que em terminologia médica, a forma correcta para traduzir *connective tissue* é *tecido conjuntivo*.

Exemplo 78

“*Manual hyperinflation*” (Pág. 200 – Manual hyperinflation) –
“*Hiperinsuflação manual*” (Pág. 205 – Hiperinsuflação manual)

Falso amigo: manual hyperinflation

Tradução incorrecta: hiperinflação

Tradução correcta: hiperinsuflação

Uma vez mais, tive de fugir à tentação de traduzir o falso amigo de forma literal, guiando-me, somente, por semelhanças morfológicas.

Exemplo 79

“*A coronary and peripheral vasodilator. Used as a prophylaxis in angina and as an adjunct in congestive heart failure.*” (Pág. 223 – Isosorbide mononitrate (organic nitrate)) – “*Vasodilatador coronário e periférico, usado como uma profilaxia na angina e na insuficiência cardíaca congestiva.*” (Pág. 229 – Mononitrato de isossorbida (nitrato orgânico))

Falso amigo: adjunct

Tradução incorrecta: adjunto

Tradução correcta: suplemento

Este exemplo mostra como me podia ter deixado influenciar pelo decalque directamente da língua inglesa, sendo que, em terminologia médica, *adjunto* apenas se pode traduzir por *suplemento*.

Exemplo 80

“Water-soluble and short acting, it is given by injection or **infusion** to relieve anxiety and to provide sedation with amnesia.” (Pág. 225 – Midazolam (benzodiazepine)) – “Este fármaco é solúvel em água e de absorção rápida, é administrado por injeção ou **perfusão** de modo a aliviar a ansiedade e a fornecer sedação aquando de amnésia.” (Pág. 229 – Midazolam (benzodiazepina))

Falso amigo: infusion

Tradução incorrecta: infusão

Tradução correcta: perfusão

Apesar da palavra *infusão* existir na língua de chegada (língua portuguesa), este substantivo não se aplica à terminologia médica, pelo menos neste exemplo, uma vez que, em português, *infusão* significa a conservação de algo dentro de um líquido para lhe extrair os princípios medicamentosos ou alimentícios (p. ex. o chá).

Exemplo 81

“Side-effects: drowsiness, nausea, vomiting, **constipation**, dizziness, dry mouth and respiratory depression.” (Pág. 225 – Morphine (opioid analgesic)) – “Reacções adversas: sonolência, náuseas, vómitos, **obstipação**, tonturas, xerostomia e depressão respiratória.” (Pág. 229 – Morfina (analgésico opióide))

Falso amigo: constipation

Tradução incorrecta: constipação

Tradução correcta: obstipação

Neste exemplo, estou perante um dos falsos amigos mais comuns em termos médicos, uma vez que a palavra *constipação*, se refere a uma inflamação do tracto respiratório. Contudo, na língua inglesa, *constipation* significa obstipação, ou seja, prisão de ventre. Assim, esta semelhança fono-

morfológica entre a língua de partida e a língua de chegada poderia ter induzido o tradutor em erro.

Exemplo 82

“The **cranial nerves** form part of the peripheral nervous system and originate from the brain.” (Pág. 132 – Cranial nerves)) – “Os **pares cranianos** fazem parte do sistema nervoso periférico e partem do cérebro.” (Pág. 136 – Pares cranianos)

Falso amigo: cranial nerves

Tradução incorrecta: nervos cranianos

Tradução correcta: pares cranianos

Em boa verdade, a tradução de *cranial nerves* por *nervos cranianos* poderia ser aceite em português comum mas, de facto, a tradução correcta é *pares cranianos*.

Exemplo 83

“**CHECK RESPONSIVENESS**” (Pág.258 – Adult Basic life support) – “**VERIFICAR A REACÇÃO**” (Pág. 265 – Suporte básico de vida para adultos)

Falso amigo: responsiveness

Tradução incorrecta: responsabilidade

Tradução correcta: reacção

Registo que, neste caso, a eventual tradução incorrecta teria menos possibilidade de existir, uma vez que *responsiveness* e *responsabilidade* são palavras etimologicamente diversas. Contudo, *responsiveness* só pode ser traduzida por *reacção*.

O contexto no qual se insere o falso amigo pode alertar para o facto de uma dada palavra na língua portuguesa não poder ser usada com o objectivo de comunicar uma determinada ideia da língua inglesa.

Só é possível reconhecer um falso amigo quando os aspectos externos das palavras são semelhantes (*intubation* e *entubação*), quando causam um equívoco semântico (*constipation* e *obstipação*) e quando os dois termos em questão são comuns às duas línguas-padrão (*infusion* e *infusão*).

1.6. METÁFORAS TERMINOLÓGICAS

Na sua obra *Metaphor in Discourse*, Elena Semino (2008:130) afirma que as metáforas científicas “não são muito diferentes daquelas usadas na política”, pois estas metáforas “tendem a simplificar assuntos complexos, a tornar acessíveis processos mais complicados e fornecem factores de persuasão, em relação a fenómenos particulares.”

As metáforas científicas são usadas na ciência com um único propósito: chamar a atenção para o objecto sob investigação de uma forma muito particular. Estas mesmas metáforas constituem uma vasta plataforma para a criação de neologismos relacionados com o fenómeno em estudo e, mesmo quando este apresenta evolução, as metáforas permanecem inalteradas.

Gibbs (1994:173) afirma que as metáforas são “feitas para usar e abusar”. São introduzidas numa dada comunidade científica de modo a que esta adopte as metáforas e as desenvolva para que possam ser usadas sem qualquer problema.

Segundo Guilbert (1975:84) *apud* Contente (2008:163) “a metaforização de um termo designa não apenas a motivação metafórica do termo mas, também, o emprego metafórico, em língua corrente, de um termo especializado.” Segundo Contente (ibid) “há na metaforização terminológica um lexema base e duas significações aparentadas, mas diferentes (sentido próprio e sentido metafórico)”.

Segundo Kocourek (1991a: 164-171, 1994c *apud* Contente (2008: 163) *metáfora terminológica* é um tipo de metáfora lexicalizada que ocorre num domínio científico após um processo de convencionalização decorrente da generalização do seu uso. Assim sendo, decidi adoptar esta terminologia no trabalho por mim apresentado.

Observe-se, agora, alguns exemplos de metáforas convencionalizadas, no domínio científico em questão que são cunhadas por analogia com representações de partes do corpo de animais. Nos dois primeiros exemplos as metáforas terminológicas em português resultam de traduções por empréstimo das metáforas terminológicas inglesas.

Exemplo 84

*“Pes anserinus – **Goose’s foot**”* (Pág. 18 – Figure 1.16) – *“**Pata de Ganso**”* (Pág. 22 – Figura 1.16)

Metáfora: Goose’s foot – Pata de Ganso

Tipo de metáfora: terminológica

Explicação: ver glossário página 46

Exemplo 85

*“Displacement may be severe, causing compression of the **cauda equina**, requiring urgent surgical intervention.”* (Pág. 79 – Spondylolisthesis) – *“O deslizamento pode ser grave, causando a compressão da **cauda equina**, requerendo intervenção cirúrgica urgente.”* (Pág. 78 – Espondilolistese)

Metáfora: cauda equina – cauda equina

Tipo de metáfora: terminológica

Explicação: ver glossário página 10

Exemplo 86

*“These patients are often described as “**blue bloaters**”.* (Pág. 190 – Bronchitis) – *“Muitas vezes, os pacientes com estes sintomas são descritos como “**blue bloaters**”* (Pág. 196 – Bronquite)

Metáfora: blue bloaters – blue bloaters

Tipo de metáfora: terminológica

Este último exemplo mostra que a expressão foi cunhada em inglês por analogia com uma espécie de arenque azulado.

Exemplo 87

*“Common sites to be affected are the flexor sheaths in the fingers or thumb (**‘trigger’ finger**) and the sheaths of the extensor pollicis brevis and abductor pollicis longus tendons (de Quervain’s syndrome).”* (Pág. 81 – Tenovaginitis)
– *“As zonas comuns afectadas são as bainhas flexoras nos dedos ou no polegar (**dedo “em gatilho”**) e as bainhas dos tendões do extensor curto e do abdutor longo do polegar (síndrome de de Quervain).”* (Pág. 83 – Tenovaginite)

Metáfora: trigger finger – dedo “em gatilho”

Tipo de metáfora: terminológica

Registe-se que há casos em que a metáfora terminológica é motivada noutras experiências do quotidiano, como é o caso da ocorrência “dedo em gatilho”, uma tradução por empréstimo do inglês “trigger finger”.

Sublinhe-se que a metáfora terminológica abaixo representa acesso súbito de espasticidade à luz do funcionamento de uma navalha de mola cuja lâmina, por pressão do êmbolo, sai subitamente.

Exemplo 88

*“– spasticity (**clasp-knife**)*
*– rigidity (**cogwheel or lead-pipe**)”* (Pág. 154 – Tone)
*“– espasticidade (**em mola de navalha**)*
*– rigidez (**em roda dentada ou serrada**)”* (Pág. 158 – Tónus)

Metáfora: clasp-knife – mola de navalha

cogwheel – roda dentada

Tipo de metáfora: terminológica

Convém salientar que há metáforas terminológicas em inglês e português que não são absolutamente equivalentes, sendo que o termo *asa de borboleta* é mais específico do que *butterfly rash*.

Exemplo 89

“*Clinical features and severity can vary widely depending on the area affected but may include **butterfly rash** on face, polyarthritis, vasculitis...*” (Pág. 80 – Systemic lupus erythematosus) – “*As características clínicas e a gravidade são muito variáveis dependendo da área afectada mas pode incluir “**asa de borboleta**” na face, poliartrite, vasculite...*” (Pág. 79 – Lúpus eritematoso sistémico (LES))

Metáfora: butterfly rash – asa de borboleta

Tipo de metáfora: terminológica

Também no exemplo abaixo se recorre à *lua cheia*, um elemento do sistema solar, para representar uma configuração particular do rosto, sendo que o termo em português é mais específico do que o inglês *moon-face*.

Exemplo 90

“*Side-effects: indigestion, acne, increased body hair, **moon-face**, hypertension, weight gain/oedema...*” (Pág. 218 – Dexamethasone (glucocorticoid)) – “*Efeitos secundários: indigestão, acne, hipertricose, **face de lua cheia**, hipertensão, aumento de peso/edema...*” (Pág. 223 – Dexametasona (glucocorticóide))

Metáfora: moon-face – face de lua cheia

Tipo de metáfora: terminológica

1.6.1. Casos particulares

O inglês recorre a outras dimensões da experiência tal como a sinalética de perigo nas praias, para representar os graus de gravidade das doenças. Assim, "red flags" (bandeiras vermelhas) representa os sintomas muito graves, enquanto "yellow flags" (bandeiras amarelas) representa os sintomas graves.

Exemplo 91

*"Patients with suspected **“red flags”** need to be identified and managed accordingly"* (Pág. 109 – Precautions with physical neural examination and management) – *"Os pacientes que se suspeite terem **sintomas muito graves** têm de ser identificados e controlados convenientemente"* (Pág. 113 – Cuidados a ter com exame físico neural e controlo)

Metáfora: red flags – sintomas muito graves

Tipo de metáfora: terminológica

Exemplo 92

*"**Yellow flags**"* (Pág. 111 – Yellow flags) – *"**Sintomas graves** [yellow flags]"* (Pág. 116 – Sintomas graves)

Metáfora: yellow flags – sintomas graves

Tipo de metáfora: terminológica

Exemplo 93

*“There are three main types, which are classified by age of onset (...). It causes weakness and hypotonia (“**floppy**” babies) leading to death within 3 years.”* (Pág. 148 – Spinal muscular atrophies (SMA)) – *“Existem três tipos principais que são classificados segundo a idade em que aparecem os sintomas (...); os sintomas provocam fraqueza e hipotonia (bebés “**flácidos**”) levando à morte no espaço de 3 anos.”* (Pág. 147 – Amiotrofias espinhais (SMA))

Metáfora: “floppy” babies – bebés “flácidos”

Tipo de metáfora: terminológica

O próximo exemplo aponta para o facto da expressão *pink puffers* ter sido cunhada em inglês por analogia com o *blowfish* ou *globefish* que enfola em forma de globo.

Exemplo 94

*“These patients are often described as “**pink puffers**” who may hyperventilate, typically overusing their accessory respiratory muscles, and breathe with pursed lips in order to maintain airway pressure to decrease the amount of airway collapse.”* (Pág. 191 – Emphysema) – *“Muitas vezes, os pacientes com enfisema têm tendência a ficarem rosados e são descritos como “**pink puffers**” e podem hiperventilar, ao usar de forma excessiva, os seus músculos respiratórios acessórios. Podem, igualmente, respirar com lábios enrugados, de modo a manter a pressão das vias aéreas para diminuir a intensidade de colapso das mesmas.”* (Pág. 198 – Enfisema)

Metáfora: pink puffers – pink puffers

Tipo de metáfora: terminológica

1.6.2. Expressões Idiomáticas

Durante a realização deste trabalho de tradução, percebi que as metáforas são, por vezes, difíceis de distinguir relativamente às expressões idiomáticas. Estas expressões são usadas muito frequentemente, funcionando como um todo e que normalmente não podem ser entendidas de forma literal. Senão veja-se:

Exemplo 95

“Close packed positions and capsular patterns for selected joints” (Pág. 62 – Closed packed positions and capsular patterns for selected joints) – *“Posição de máxima estabilidade (“close packed positions”) e padrões capsulares para articulações específicas”* (Pág. 66 – Posição de máxima estabilidade (“close packed positions”) e padrões capsulares para articulações específicas)

Expressão idiomática: *“close packed positions”*

Exemplo 96

“Some checked what we had compiled and others were always there when the long evenings and weekends took their toll.” (Pág. Xi – Acknowledgements) – *“Algumas verificaram aquilo que tínhamos compilado e outras estavam sempre presentes nas longas noites e durante os fins-de-semana de trabalho árduo.”* (Pág. 6 – Agradecimentos)

Expressão idiomática: *“took their toll”*

Exemplo 97

*“A collection of pus in the pleural cavity following nearby lung infection. Can cause a **build-up** of pressure in the lung which causes pain and shortness of breath.”* (Pág. 191 – Empyema) – *“Trata-se da acumulação de pus na cavidade pleural a seguir a infecção pulmonar. Pode levar a um **aumento** da pressão no pulmão o que causará dor e deficiência na respiração.”* (Pág. 197 – Empiema ou pleurisia purulenta (piotórax))

Expressão idiomática: “*build-up*”

1.7. METONÍMIAS TERMINOLÓGICAS

A metonímia é um processo cognitivo em que se designa um elemento por outro que com ele se encontra em relação de contiguidade. As metonímias são, normalmente, classificadas pelo tipo de relação que vincula o substituído ao substituto. Por exemplo: a parte pelo todo, a espécie pelo indivíduo, o efeito pela causa, o objecto pelo seu símbolo ou por um atributo seu, o continente pelo conteúdo, o local ou a matéria pela coisa e o autor pela obra.

Tal como as metáforas, as metonímias também são terminológicas, levando, assim, à criação de *epónimos terminológicos*. De acordo com Contente (2008:163), estes epónimos são “termos que possuem um elemento que tem a sua origem num nome próprio e que serve de base à derivação (termos-epónimos).”

Rey-Debove (1998:234 *apud* Contente (2008:163) refere que os nomes próprios são termos em que o nome próprio adquire o significado de uma subclasse (p. ex. doença de Alzheimer).

Atente-se aos seguintes exemplos.

Exemplo 98

Perthes' disease (Pág. 76 – *Perthes' disease*) – ***Doença de Perthes*** (Pág. 80 – *Doença de Perthes*) – Necrose muscular da epífise femoral em crescimento. Observa-se necrose, reabsorção óssea, deposição de osso novo e remodelação até à maturidade.

George Perthes – cirurgião alemão (1869-1927) que identificou pela primeira vez a doença (ainda que a mesma doença tenha sido também identificada por Jacques Calvé – cirurgião ortopédico francês (1875-1954) e Arthur Legg – cirurgião ortopédico americano (1874-1939)).

Exemplo 99

Scheuermann's disease (Pág. 77 – Scheuermann's disease) – **Doença de Scheuermann** (Pág. 80 – Doença de Scheuermann) – Cifose juvenil (causa lombalgia e corcundas por alterações nas vértebras).

Designação usada para a doença descoberta por Holger Werfel Scheuermann – cirurgião ortopédico e radiologista dinamarquês (1877-1960).

Exemplo 100

Paget's disease (Pág.78 – Paget's disease) – **Doença de Paget** (Pág.77 – Doença de Paget) – doença do osso, distúrbio benigno, sistémico, que altera a velocidade do metabolismo ósseo.

Doença identificada por Sir James Paget – cirurgião e patologista britânico (1814-1899).

Exemplo 101

Broca's dysphasia (Pág. 142 – Broca's dysphasia) – **Disfasia de Broca** (Pág. 147 – Disfasia de Broca) – destruição do centro da linguagem no cérebro.

Pierre Paul Broca – patologista, neurocirurgião e antropologista francês (1824-1880) identificou a disfasia.

Exemplo 102

Wernicke's dysphasia (Pág. 149 – Wernicke's dysphasia) – **Disfasia de Wernicke** (Pág. 148 – Disfasia de Wernicke) – perda da compreensão da linguagem oral, perda da capacidade para ler silenciosamente e escrever.

Disfasia descoberta por Karl Wernicke – neurologista e psiquiatra alemão (1848-1905).

Exemplo 103

Bell's palsy (Pág. 142 – Bell's palsy) – *Paralisia de Bell* (Pág. 152 – Paralisia de Bell) – paralisia idiopática, periférica e unilateral dos músculos faciais.

Designação atribuída à paralisia descoberta por *Sir Charles Bell* – anatomista, cirurgião e fisiologista escocês (1774-1842).

Exemplo 104

Alzheimer's disease (Pág. 142 – Alzheimer's disease) – *Doença de Alzheimer* (Pág. 148 – Doença de Alzheimer) – atrofia dos lobos frontal e occipital, leva à falha de memória em relação a eventos recentes e alterações emocionais.

Doença identificada pela primeira vez por *Alois Alzheimer* – neuropatologista e psiquiatra alemão (1864-1915).

Exemplo 105

Sudeck's atrophy (Pág. 75 – Complex regional pain syndrome (CRPS)) – *Atrofia de Sudeck* (Pág. 77 – Complexo da Síndrome dolorosa regional (CRPS)) – desenvolvimento de osteoporose que afecta, em primeiro lugar, os pés e as mãos.

Paul Herman Martin Sudeck – cirurgião alemão (1866-1938) que identificou a atrofia pela primeira vez.

Exemplo 106

Osgood-Schlatter's disease (Pág. 76 – Osgood-Schlatter's disease) – *Doença de Osgood-Schlatter* (Pág. 80 – Doença de Osgood-Schlatter) – doença osteo-muscular e extra-articular comum em adolescentes.

Doença identificada por *Robert Bayley Osgood* – cirurgião ortopédico (1873 – 1956) e por *Carl B. Schlatter* – médico suíço (1864-1934).

Exemplo 107

Raynaud's disease (Pág. 226 – Nifedipine (calcium channel blocker)) – ***Doença de Raynaud*** (Pág. 230 – Nifedipina (bloqueador do canal de cálcio)) – doença que afecta o fluxo sanguíneo nas extremidades do corpo humano (mãos, pés, nariz, lóbulos das orelhas) quando submetidas a uma mudança de temperatura inferior ou devido ao stress.

Designação atribuída à doença descoberta por Maurice Raynaud – médico francês (1843-1881).

Exemplo 108

Quervain's syndrome (Pág. 81 – Tenovaginitis) – ***Síndrome de de Quervain*** (Pág. 83 – Tenovaginite) – inflamação ou tendinite da bainha que rodeia dois tendões controladores do movimento do polegar.

Fritz de Quervain – cirurgião suíço (1868-1940) que identificou pela primeira vez o síndrome.

Exemplo 109

Weber's syndrome (Pág. 126 – Signs and symptoms) – ***Síndrome de Weber*** (Pág. 129 – Sinais e sintomas) – paralisia oculomotora parcial ou completa e hemiplegia contralateral devido a lesões no núcleo do terceiro par craniano e nas suas fibras ventrais que atravessam o cérebro médio e o tracto piramidal.

Síndrome identificado por *Sir* Herman David Weber – médico alemão (1823-1918).

Exemplo 110

Parkinson's disease (Pág. 147 – Parkinson's disease) – ***Doença de Parkinson*** (Pág. 149 – Doença de Parkinson) – distúrbio degenerativo do sistema nervoso que ocorre na velhice e tem um curso progressivo e prolongado.

Designação atribuída à doença descoberta por James Parkinson – médico e paleontologista inglês (1755-1824).

Exemplo 111

Down's syndrome (Pág. 250 – T21) – ***Síndrome de Down*** (Pág. 254 – T21) – atraso mental que se deve à trissomia do cromossoma 21.

Síndrome identificado por John Langdon Haydon Down – médico inglês (1828-1896).

Exemplo 112

Cushing's disease (Pág. 218 – Dexamethasone (glucocorticoid)) – ***Doença de Cushing*** (Pág. 223 – Dexametasona (glucocorticóide)) – desordem endócrina causada por níveis elevados de cortisol no sangue.

Doença identificada por Harvey Williams Cushing – neurocirurgião americano (1869-1939)

Exemplo 113

Guillain-Barré syndrome (GBS) (Pág. 143 – Guillain-Barré syndrome (GBS)) – ***Síndrome de Guillain-Barré (SGB)*** (Pág. 253 – Síndrome de Guillain-Barré (SGB)) – inflamação aguda com perda de mielina dos nervos periféricos e às vezes de raízes nervosas proximais e dos pares cranianos.

Jean Alexandre Barré – neurologista francês (1880-1967) e Georges Charles Guillain – neurologista francês (1876-1961) identificaram em conjunto esta síndrome.

Posso concluir, assim, que a metonímia terminológica tem diversas funções, entre as quais a de variar ou não repetir palavras, a de dar ênfase ou até a de economizar, no casos em que o substituto é menos extenso do que o substituído. Esta última função é a mais comum nos exemplos, pois a designação da doença provém do apelido do médico que a descobriu.

1.8. QUESTÕES INTRALINGUÍSTICAS DA TRADUÇÃO

Esta parte versa a questões semanto-sintáticas relativas à estruturação das frases simples bem como à diferente estruturação das frases complexas das duas línguas em confronto.

Neste capítulo do relatório darei atenção aos problemas da tradução relacionados com a construção de frases complexas, com a co-referência, dando especial atenção aos pronomes (definidos e indefinidos) e com os determinantes.

Assim, numa abordagem intralinguística, coloca-se em destaque o facto de a ausência de determinados elementos nos sintagmas em inglês se tornar obrigatória em português. Caso contrário, as frases ficam agramaticais em português.

1.8.1. FRASE E COESÃO FRÁSICA

Por se revelar de extrema importância no contexto da tradução da obra, elaborei um capítulo sobre a frase e a coesão frásica.

A frase é uma sequência coesa e coerente de palavras, estruturada de maneira a adquirir um sentido autónomo, para que haja comunicação entre os falantes. É por essa razão que se considera uma frase um conjunto de palavras organizadas em torno de um elemento central: o verbo.

A frase está dividida em sintagmas, isto é, qualquer combinação de unidades significativas. Esses sintagmas estão dispostos na frase de forma coesa e coerente e são, geralmente, assinalados por sinais de pontuação, como o ponto final, o ponto de interrogação ou o ponto de exclamação. Assim, a frase é a unidade máxima da combinação de sintagmas.

Os sintagmas levam, pois, a que haja pelo menos dois tipos de frases: as frases de tipo obrigatório e as frases de tipo facultativo. Estes tipos de frase são obrigatórios e únicos, uma vez que uma frase só pode ser interrogativa ou declarativa, não se podendo perguntar e declarar ao mesmo tempo. Por exemplo:

Frase do tipo declarativo

Na obra traduzida ocorrem frases de tipo declarativo.

Exemplo 114

“The idea for this book developed while we were students.” (Pág. ix – Preface)
– *“A ideia para a realização desta obra surgiu quando ainda éramos estudantes.”* (Pág. 5 – Prefácio)

Exemplo 115

“Inflammation of the bursa caused by mechanical irritation or infection.”
(Pág. 74 – Bursitis) – *“Trata-se da inflamação da bolsa serosa causada por irritação mecânica ou infecção.”* (Pág. 76 – Bursite)

Exemplo 116

“Auscultation should be conducted in a systematic manner, comparing the same area on the left and right side while visualizing the underlying lung structures.” (Pág. 168 – Auscultation) – *“A auscultação deve ser feita de maneira sistemática, comparando a mesma área tanto no lado esquerdo como no lado direito, enquanto se procede à visualização das estruturas subjacentes aos pulmões.”* (Pág. 173 – Auscultação)

Frase do tipo interrogativo

De um mesmo modo regista-se o aparecimento de frases interrogativas.

Exemplo 117

“It is anteroposterior (AP) or posteroanterior (PA)? Supine or erect?” (Pág. 166 – Analysing chest X-rays) – *“Trata-se de uma radiografia antero-posterior (AP) ou postero-anterior (PA)? Em decúbito dorsal ou erecto?”* (Pág. 171 – Análise de radiografias ao tórax)

Exemplo 118

“Is the patient positioned symmetrically?” (Pág. 166 – Analysing chest X-rays) – *“O paciente está posicionado simetricamente?”* (Pág. 171 – Análise de radiografias ao tórax)

Frase do tipo imperativo

Este tipo de frases tem por objectivo a transmissão de instruções aos doentes.

Exemplo 119

“Requires a two-point discriminator, a device similar to a pair of blunted compasses. With the patient’s eyes open, demonstrate what you are going to do. Get the patient to close their eyes. Alternately touch the patient with either one prong or two.” (Pág. 157 – Two-point discrimination) – *“Necessita de um discriminador de dois pontos, um objecto semelhante a um par de bússolas rombas. Com os olhos do paciente abertos, demonstre o que fará e peça-lhe*

para fechá-los e alternadamente toque-lhe com uma ou duas pontas.” (Pág. 160 – Discriminação de dois pontos)

Exemplo 120

“With the patient lying down, ask them to place one heel on the opposite knee and then run the heel down the tibial shaft towards the ankle and back again.” (Pág. 155 – Heel-shin test) – *“Com o paciente deitado, peça-lhe para colocar um dos calcanhares no joelho oposto e depois passe o calcanhar na superfície interna da perna em direcção ao tornozelo e volte atrás.”* (Pág. 161 – Teste calcanhar-perna)

Exemplo 121

“Use a wisp of cotton wool. With the patient’s eyes open, demonstrate what you are going to do. To test, get the patient to close their eyes.” (Pág. 156 – Light touch) – *“Use um pedaço de algodão em rama. Com os olhos do paciente abertos, demonstre o que fará. Para realizar o teste, peça ao paciente para fechar os olhos...”* (Pág. 162 – Toque ligeiro)

Frase exclamativa

Não há a presença de frases exclamativas na obra, o que se torna aceitável pelo seu carácter científico. Sendo as frases exclamativas a expressão de subjectividade a saber, de emoções e opiniões, compreende-se que as mesmas sejam pouco compatíveis com as características da obra.

Os tipos de frase facultativos, também ditos formas de frase, têm sido estudados como variantes dos tipos de frase obrigatórios. Existem, por isso, três variantes de forma: afirmativa e negativa, enfática e neutra e activa e passiva.

Para além dos tipos e formas de frases, estas podem também ser simples e complexas.

Durante a tradução da obra, algumas das frases simples na língua de partida passaram a ser complexas na língua de chegada. Esta alteração fica a

dever-se ao facto de que as frases simples, quando traduzidas para a língua portuguesa, tornavam a leitura do texto pouco fluente. Por outro lado, a maioria dessas frases referia-se ao mesmo tópico, não fazendo sentido que houvesse uma interrupção entre frases. É por esta razão que a grande maioria das frases traduzidas são complexas, embora as frases simples não estejam excluídas, como é óbvio.

As frases simples são aquelas em que ocorre somente um sintagma verbal, ou seja, contém uma só proposição, um só predicado. Destas frases dão conta os exemplos que se seguem:

Exemplo 122

*“The posterior cerebral artery **arises** from the basilar artery.”* (Pág. 126 – Posterior cerebral artery (PCA)) – *“A artéria cerebral posterior **surge** da artéria basilar.”* (Pág. 128 – Artéria cerebral posterior)

Exemplo 123

*“**Evaluates** the vascular component of afterload in the left ventricle.”* (Pág. 181 – Systemic vascular resistance (SVR)) – *“A RVS **avalia** o componente vascular da pós-carga no ventrículo esquerdo.”* (Pág. 186 – Resistência vascular sistémica (RVS))

Exemplo 124

*“The number of times the heart **contracts** in a minute.”* (Pág. 179 – Heart rate (HR)) – *“Quantidade de sangue **bombeado** para a aorta a cada minuto.”* (Pág. 183 – Débito cardíaco (DC))

Exemplo 125

*“**Reverses** supraventricular tachycardias to sinus rhythm.”* (Pág. 214 – Adenosine (anti-arrhythmic)) – *“**Inverte** as taquicardias supraventriculares para ritmo sinusal.”* (Pág. 218 – Adenosina (anti-arritmico))

Exemplo 126

“Used to treat high blood pressure, especially in pregnancy.” (Pág. 225 – Methyldopa (antihypertensive)) – *“Usado no tratamento da tensão arterial alta, principalmente durante a gravidez.”* (Pág. 228 – Metildopa (anti-hipertensivo))

As frases complexas são aquelas onde existe mais do que um sintagma verbal, pois implicam várias orações. Esta é a forma mais usual de frases, uma vez que as ideias simples se combinam umas com as outras, resultando em frases complexas. Preste-se atenção aos seguintes exemplos:

Exemplo 127

*“The cranial nerves **form** part of the peripheral nervous system and **originate** from the brain.”* (Pág. 132 – Cranial nerves) – *“Os pares cranianos **fazem** parte do sistema nervoso periférico e **partem** do cérebro.”* (Pág. 136 – Pares cranianos)

Exemplo 128

*“An illness in which part of the brain **is** suddenly severely **damaged** or **destroyed** as a consequence of an interruption to the flow of blood in the brain.”* (Pág. 148 – Stroke/cerebrovascular accident (CVA)) – *“**Trata-se** de uma doença em que uma parte do cérebro **é** repentinamente **danificada** com gravidade ou **destruída**, como consequência da interrupção do fluxo de sangue no cérebro.”* (Pág. 147 – Acidente vascular cerebral (AVC))

Exemplo 129

*“Patients also **exhibit** emotional incontinence. They **are** unable to **control** their emotional expression and **may laugh** or **cry** without apparent reason.”* (Pág. 148 – Pseudobulbar palsy) – *“Os pacientes também **demonstram** incontinência emocional, pois **são** incapazes de **controlar** as suas expressões emocionais **podendo rir** ou **chorar** sem razão aparente.”* (Pág. 152 – Paralisia pseudobulbar)

Exemplo 130

“SMA II (intermediate type) usually **develops** between 6 and 15 months of age. It **has** the same pathological features as SMA I but **progresses** more slowly” (Pág. 148 – Spinal muscular atrophies (SMA) – “Normalmente, a SMA II (tipo intermediário) **desenvolve-se** entre os 6 e os 15 meses de idade e **tem** as mesmas características patológicas que a SMA I mas **progride** mais lentamente.” (Pág. 147 – Amiotrofias espinhais (SMA))

Exemplo 131

“The spinal and sacroiliac joints **are** primarily **affected resulting** in pain, stiffness, fatigue, **loss** of movement and function.” (Pág. 73 – Ankylosing spondylitis) – “As articulações vertebrais e sacro-ilíacas **são afectadas** em primeiro lugar **resultando** em dor, rigidez, fadiga, **perda** de movimento e função.” (Pág. 78 – Espondilite anquilosante)

Exemplo 132

“They **are** typically loud and harsh and **can be heard** throughout inspiration and expiration. Expiration **is** longer than inspiration and there **is** a pause between the two.” (Pág. 169 – Abnormal (bronchial breathing) – “Tipicamente, estes sons **são** altos e ásperos e **podem ser ouvidos** através da inspiração e da expiração, em que esta última **é** mais longa que a primeira e onde **há** uma pausa entre as duas.” (Pág. 173 – Anormais (respiração brônquica)

Exemplo 133

“Accumulation of fluid in the lungs. Usually **caused** by left ventricular failure whereby a back pressure **builds up** in the pulmonary veins eventually **causing** fluid **to be pushed** from the veins into the alveoli.” (Pág. 195 – Pulmonary oedema) – “O edema pulmonar **é** a acumulação de fluido nos pulmões que, normalmente, **é causado** por insuficiência ventricular esquerda, levando ao aumento de uma pressão traseira nas veias pulmonares. Eventualmente leva a que o fluido **seja empurrado** desde as veias até aos alvéolos.” (Pág. 197 – Edema Pulmonar)

Estes últimos exemplos são ilustrativos da tradução de frases simples do original inglês para frases complexas em Português Europeu, pelas razões anteriormente expostas.

1.9. CO-REFERÊNCIA

A referência é uma expressão utilizada para nomear realidades concretas, abstractas, imaginárias ou reais. Faz parte do conjunto de expressões que remetem para um referente, isto é, a realidade que designam e podem assumir diferentes sentidos:

- atribuição de uma característica
- estabelecimento de uma relação

Também se fala em referência quando, por exemplo, duas expressões num determinado texto remetem para uma mesma realidade, ou seja, quando têm um mesmo referente. À relação entre estas expressões dá-se o nome de co-referência.

A co-referência é, pois, a relação que existe entre unidades linguísticas de um enunciado (grupos nominais, preposicionais ou adverbiais) que remetem para um mesmo referente. A ela está associada a anáfora, que acontece quando um elemento introduzido num texto remete para um antecedente. Quando assim acontece, diz-se que a co-referência é anafórica.

Quando se aborda a co-referência deve focar-se, obrigatoriamente, em pronomes, pois são parte integrante para a compreensão da co-referência.

Os pronomes são a classe que agrupa os substitutos dos nomes substantivos e designam indirectamente qualquer referente. Os pronomes representam, igualmente, por substituição, um antecedente, ou seja, aquilo que vem referido antes do próprio pronome, podendo ser um substantivo, um adjectivo, um pronome, um infinitivo ou até uma oração.

De um ponto de vista morfológico, os pronomes podem variar:

- em género (este/esta)
- em número (este/estes)
- ser invariáveis (isto, aquilo)

Sob o ponto de vista sintáctico eles podem:

- desempenhar várias funções – sujeito, complemento directo, complemento indirecto, predicativo do sujeito ou complemento circunstancial;
- assumir formas diferentes (pronomes pessoais);
- combinar o seu estatuto com o de conectores de subordinação (relativos ou interrogativos);
- aparecer em certos tipos e formas de frase (p. ex. pronomes interrogativos – quem?/quanto?);
- ter valor negativo (nenhum, nada).

Em relação ao ponto de vista semântico, os pronomes caracterizam-se pelo modo instável como adaptam a sua significação, quando se referem a elementos no enunciado. Assim, os pronomes são signos abertos, cujos referentes mudam consoante os contextos. Desta maneira, existem três modos de referência:

- a referência deíctica (quando há uma identificação directa do que é objecto dessa referência);
- a referência anafórica e a catafórica (quando há uma identificação indirecta do que é o objecto dessa referência);
- a referência por defeito (não há qualquer indicação nem da situação (contexto situacional) nem do texto, prevalecendo um sentido genérico – “*Ninguém é perfeito*”).

Assim, será seguro dizer que os pronomes têm subclasses, dependendo do ponto (semântico ou sintáctico) em que se encontram.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais variam em número, em pessoa e em género, tanto na língua inglesa como na portuguesa. A única diferença existente entre as duas variedades linguísticas é o facto de em inglês o pronome pessoal ser sempre obrigatório na frase. O mesmo não acontece em português, uma vez que o pronome pode ou não ser explícito.

Exemplo 134

*“With the **patient**’s eyes open, demonstrate what you are going to do. To test, get the patient to close **their** eyes.”* (Pág. 156 – Pin prick) – *“Com os olhos do **paciente** abertos demonstre o que fará. Para realizar o teste, peça-**lhe** para fechar os olhos.”* (Pág. 160 – Picada de alfinete)

Neste exemplo pode-se verificar que o pronome pessoal *lhe*, 3ª pessoa do singular, tem como função o complemento indirecto sem preposição. *Paciente* e *lhe* têm o mesmo referente, pois representam a mesma realidade, daí que sejam co-referentes. Assim, a co-referência é anafórica, pois o pronome *lhe* só identifica um segmento da realidade porque há um elemento anteriormente introduzido, neste caso *paciente*.

Exemplo 135

*“Finally we would like to thank our friends... for being just that. And our families, for believing in **us** from the start.”* (Pág. xi – Acknowledgements) – *“Por último, gostaríamos de agradecer aos nossos amigos pelas demonstrações de amizade e às nossas famílias, por terem acreditado em **nós** desde o início.”* (Pág. 6 – Agradecimentos)

Neste último exemplo o pronome pessoal *nós*, 1ª pessoa do plural, é um complemento indirecto com preposição (em). O pronome não tem qualquer co-referente na frase em que se insere, por isso a co-referência é não anafórica. Para que esta realidade seja identificada não é necessário apresentar-se o referente a que o pronome diz respeito, ou seja, qualquer pessoa que leia o texto na íntegra irá perceber que *nós* se refere aos autores da obra em questão.

Pronomes (pessoais) reflexos

Os pronomes reflexos desempenham a função de complemento directo para referirem a mesma entidade do sujeito; indicam que a responsabilidade e os efeitos da acção revertem sobre essa entidade.

Tratando-se esta tradução de um texto de carácter científico em que se pretende descrever atitudes e acções a desenvolver por um sujeito (o fisioterapeuta) com efeitos sobre outro sujeito (o paciente), é compreensível que os pronomes reflexos tenham uma ocorrência diminuta..

Pronomes possessivos

Indicam a relação existente entre o possuidor e o que é possuído, a realidade designada pelo nome que substituem e com o qual concordam.

Não foram encontrados quaisquer casos de pronomes possessivos. Este facto pode ser explicado por se tratar de um texto de carácter científico, o que, à partida pressupõe a predominância de nomes em detrimento das referências pronominais.

Pronomes demonstrativos

Mostram a posição da realidade a que se refere o nome que substituem.

Exemplo 136

“Positive sign – *one leg moves up more than **the other**.*” (Pág. 93 – *Supine to sit (long sitting) test*) – “Sinal positivo: *uma perna eleva-se mais do que **a outra**.*” (Pág. 97 – Teste em decúbito dorsal para posição sentada (posição sentada prolongada))

O exemplo mostra que o pronome demonstrativo *a outra* pertence ao género feminino do singular. O pronome está a referir-se a uma das pernas que se eleva mais do que a outra perna que está a ser sujeita a teste. Este exemplo revela uma co-referência anafórica, uma vez que *perna* é referente de *a outra*.

Exemplo 137

*“An acute inflammation of the meninges due to infection by bacteria or viruses. Age **groups** most at risk **are** the under 5s, especially infants under the age of 1 year, and adolescents between 15 and 19 years of age.”* (Pág. 144 – Meningitis) – *“A meningite é uma inflamação aguda das meninges devido à infecção provocada por bactérias ou vírus. Os **grupos** de maior risco são **aqueles** de idade inferior a 5 anos, principalmente crianças com menos de 1 ano de idade e adolescentes entre os 15 e os 19 anos.”* (Pág. 150 – Meningite)

O pronome demonstrativo *aqueles* é um pronome masculino do plural. O pronome refere-se a *grupos de idade* que surge no início da frase. Este exemplo demonstra uma co-referência anafórica.

Exemplo 138

*“A lack of vitamin D leads to incomplete calcification of the bones so that they become weak and easily fractured. **This** is particularly noticeable in the long bones, which become bowed.”* (Pág. 77 – Osteomalacia) – *“A falta de vitamina D leva a uma calcificação incompleta dos ossos por isso tornam-se fracos e fracturam-se facilmente. **Isto** é particularmente perceptível nos ossos longos que se tornam arqueados.”* (Pág. 81 – Osteomalacia)

Neste exemplo o pronome demonstrativo *Isto* é invariável. O pronome é co-referente de *“dos ossos (...) tornam-se fracos e fracturam-se facilmente”*, por isso a co-referência é anafórica, pois para se poder perceber o referente de *Isto* é necessário que haja um elemento anterior que identifique a realidade.

Pronomes indefinidos

Exprimem uma referência muito vaga ou uma quantidade indeterminada.

Exemplo 139

“If the film appears too light it is underpenetrated (underexposed)

Think of toast: dark is overdone and white is underdone” (Pág. 166 – Exposure) – *“Se a radiografia aparecer demasiado clara está sob penetrada (sob exposta)*

Pense numa torrada: escura está demasiado torrada e branca está **pouco** torrada” (Pág. 171 – Exposição)

O pronome indefinido *pouco* é um pronome variável, de género masculino do singular. Neste exemplo, o pronome refere-se à torrada (radiografia) que não está muito queimada. Estamos perante uma co-referência anafórica, uma vez que *torrada* é referente de *pouco*.

Exemplo 140

*“Taking on a project like this would be impossible without the input from a large number of people. **Some** gave us the confidence to get started, while **others** provided guidance.”* (Pág. xi – Acknowledgements) – *“Levar a cabo um projecto como este seria impossível sem o contributo de um elevado número de pessoas. **Algumas** deram-nos a confiança para começar, enquanto **outras** forneceram orientação.”* (Pág. 6 – Agradecimentos)

Neste exemplo pode-se verificar que os pronomes indefinidos *algumas* e *outras* pertencem ao género feminino do plural. Os pronomes referem-se a um número indeterminado de pessoas que estiveram presentes na elaboração da obra. Os pronomes *algumas* e *outras* são co-referentes de *pessoas*, havendo, assim, uma co-referência anafórica.

Exemplo 141

“Aphasia – inability to generate and understand language **whether** verbal or written” (Pág. 150 – Aphasia) – “Afasia – incapacidade para gerar e compreender a linguagem **tanto** escrita como oral” (Pág. 154 – Afasia)

Com este exemplo pode-se observar que o pronome é indefinido, de género masculino do singular. *tanto* é co-referente de *linguagem* e por isso a co-referência é anafórica.

Pronomes relativos

Substituem um nome e os elementos com ele relacionados.

Exemplo 142

“A vasculitic syndrome **where** small and medium-sized arteries are attacked by rogue immune cells causing inflammation and necrosis.” (Pág. 78 – Polyarteritis nodosa) – “Síndrome vasculítica **onde** as artérias de pequeno e médio calibre são lesadas por células auto-imunes causando inflamação e necrose.” (Pág. 81 – Poliarterite nodosa)

O pronome relativo *onde* é invariável e refere-se a *síndrome vasculítica* sendo, por isso, co-referente desta última. Trata-se pois de uma co-referência anafórica.

Exemplo 143

“Patients present with a variety of conditions and assessments need to be adapted to suit their needs.” (Pág. 152 – Neurological assessment) – *“Os pacientes **que** apresentem uma variedade de condições e avaliações precisam de ser adaptados de forma a preencher as suas necessidades.”* (Pág. 157 – Avaliação neurológica)

Neste exemplo, o pronome relativo *que* é, igualmente, invariável e refere-se a *pacientes*. Desta forma a co-referência é anafórica, uma vez que o pronome constitui uma anáfora, pois o elemento anteriormente introduzido *pacientes* identifica o segmento da realidade.

Exemplo 144

*“Attacks can last for several days or weeks after **which** the patient may be pain-free for months.”* (Pág. 149 – Trigeminal neuralgia) – *“Os ataques podem durar vários dias ou semanas após **os quais** o paciente pode estar livre de dor durante meses.”* (Pág. 151 – Nevralgia facial)

O pronome relativo (*os*) *quais* pertence ao género masculino do plural. Uma vez mais, estamos perante uma co-referência anafórica, pois o pronome é co-referente de *ataques*.

Pronomes interrogativos

Introduzem interrogativas parciais salientando a identidade, a qualidade ou a quantidade da realidade a que se referem os nomes que substituem.

Durante o trabalho de tradução não foram encontrados quaisquer exemplos de pronomes interrogativos.

Como se pode verificar, os pronomes constituem uma classe de palavras que alteram ou representam um grupo nominal. Os pronomes podem ser invariáveis ou variáveis; neste último caso apresentam alterações em relação ao género, ao número e à função sintáctica do nome que substituem.

Ao usar o pronome pode-se evitar a repetição de palavras, contribuindo para uma mais correcta coesão textual.

1.10. DETERMINANTES

Como demonstrado anteriormente, uma frase é constituída por sintagmas nominais e verbais. Nestes sintagmas estão inseridas algumas palavras que ajudam a compreender melhor a frase ou que dão informação acerca do assunto tratado. Estas palavras são os chamados determinantes.

Os determinantes são pronomes e numerais que mantêm com os nomes uma relação de posição, aparecendo antes do nome, e uma relação de concordância com o nome e o género (masculino ou feminino) e com o número (singular ou plural). Contudo, em relação à língua inglesa, o mesmo não se aplica, uma vez que não existe concordância de género, no caso dos nomes.

De acordo com a nova terminologia linguística, os determinantes estão divididos em subclasses sendo considerados como tal os artigos definidos e indefinidos, os demonstrativos e os possessivos. As restantes subclasses são consideradas como parte integrante dos quantificadores.

Por vezes existem casos em que a língua inglesa não exige o determinante ao contrário do português, que obriga ao uso desse mesmo determinante para uma melhor compreensão linguística. Atente-se:

Exemplo 145

*“When treating patients with raised ICP minimize handling and ensure that **the** head is maintained in midline and raised 15-30° from supine.”* (Pág. 179 – Intracranial pressure (ICP)) – *“Quando **os** doentes com PIC aumentada são tratados, é necessário reduzir **a** pressão e assegurar que **a** cabeça é mantida no plano médio e levantada 15-30° em decúbito dorsal.”* (Pág. 184 – Pressão intracraniana (PIC))

Determinante artigo definido: os – masculino, plural

a – feminino, singular

Exemplo 146

“Clinical features include recurrent ear, sinus and chest infections, which can eventually lead to bronchiectasis.” (Pág. 188 – Coagulation studies) – *“As características clínicas incluem audição recorrente, sínus e infecções torácicas que podem, eventualmente, levar à bronquiectasia.”* (Pág. 196 – Disfunção ciliar primária)

Determinante artigo definido: as – feminino, plural

Exemplo 147

“Prognosis for recovery is poor with most patients not regaining function.” (Pág. 144 – Locked-in syndrome) – *“O prognóstico para a recuperação é pobre sendo que a maioria dos pacientes não recupera a função.”* (Pág. 152 – Síndrome locked-in)

Determinante artigo definido: o – masculino, singular

Exemplo 148

“Allows reliable comparison between patients of different sizes” (Pág. 178 – Cardiac index (CI)) – *“Este cálculo permite **uma** comparação fiável entre pacientes de diferentes tamanhos.”* (Pág. 183 – Índice cardíaco (IC))

Determinante artigo indefinido: uma – feminino, singular

Exemplo 149

*“An umbrella term for **a** group of conditions that result from compression of the neurovascular bundle in the cervicoaxillary canal.”* (Pág. 81 – Thoracic outlet syndrome) – *“**Um** termo em sentido lato que inclui **um** grupo de condições que resultam da compressão do feixe neurovascular no canal cervico-axilar.”* (Pág. 82 – Síndrome de opérculo torácico)

Determinante artigo indefinido: um – masculino, singular

Exemplo 150

“This chapter provides a Basic framework for the subjective and physical musculoskeletal assessment of a patient.” (Pág. 112 – Musculoskeletal assesement) – *“Este capítulo fornece um quadro básico para uma avaliação subjetiva e física músculo-esquelética do paciente.”* (Pág. 117 – Avaliação músculo-esquelética)

Determinante demonstrativo: este – masculino, singular

Exemplo 151

*“A neurological condition that occurs when there is damage to one half of the spinal cord. Below the lesion there is motor loss on the **same** side and loss of pain and temperature on the opposite side.”* (Pág. 142 – Brown-Séquard syndrome) – *“Trata-se de uma patologia neurológica que ocorre quando há danos numa metade da medula espinal. Logo abaixo da lesão há uma perda motora no **mesmo** lado e perda de dor e de temperatura no lado oposto.”* (Pág. 152 – Síndrome de Brown-Séquard)

Determinante demonstrativo: mesmo – masculino, singular

Exemplo 152

*“Values vary from laboratory to laboratory, depending on testing methods used. **These** reference ranges should be used as a guide only.”* (Pág. 188 – Coagulation studies) – *“Os valores variam de laboratório para laboratório, dependendo dos métodos de teste utilizados. **Estas** variedades de referências devem ser usadas somente como guia...”* (Pág. 194 – Estudos de coagulação)

Determinante demonstrativo: estas – feminino, plural

Exemplo 153

*“In particular we would like to thank **our** colleagues at Guy’s and St Thomas Hospital and St George’s Hospital for their continued support and encouragement throughout this project.”* (Pág. xi – Acknowledgements) – *“Estamos gratos, em particular, aos **nossos** colegas do Guy’s and St Thomas Hospital e do St George’s Hospital pelo **seu** apoio e encorajamento constante ao longo deste projecto.”* (Pág. 6 – Agradecimentos)

Determinante possessivo: seu – 3º pessoa, masculino, singular
nossos – 1º pessoa, masculino, plural

Exemplo 154

“Patients present with a variety of conditions and assessments need to be adapted to suit their needs.” (Pág. 112 – Musculoskeletal assesement) – *“Os pacientes que apresentem uma variedade de condições e avaliações precisam de se adaptar de forma a preencher as **suas** necessidades.”* (Pág. 117 – Avaliação músculo-esquelética)

Determinante possessivo: suas – 3º pessoa, feminino, plural

1.10.1. Quantificadores

O quantificador especifica o nome que acompanha, informando acerca do número, da quantidade ou da parte da entidade referida. Deste modo, pode-se identificar cinco classes de quantificadores:

Exemplo 155

“Other signs in adults include confusion and photophobia.” (Pág. 145 – Meningitis) – *“Nos adultos, a confusão e a fotofobia são **outros** dos sinais incluídos.”* (150 – Meningite)

Quantificador indefinido: outros – masculino, plural, quantidade indefinida

Exemplo 156

*“It can also develop in people with **no** underlying lung disease and frequently affects tall, thin young men, especially smokers.”* (Pág. 194 – Spontaneous pneumothorax) – *“Pode, igualmente, desenvolver-se em pessoas sem **nenhuma** doença pulmonar adjacente e, frequentemente, afecta rapazes altos, magros, especialmente os fumadores.”* (Pág. 199 – Pneumotórax espontâneo)

Quantificador indefinido: nenhuma – feminino, singular, quantidade nula

Exemplo 157

*“Used to control **many** inflammatory disorders thought to be caused by excessive or inappropriate activity of the immune system, e.g. asthma, rheumatoid arthritis, lupus, eczema...”* (Pág. 212 – Corticosteroids) – *“Usados para controlar **muitos** distúrbios inflamatórios que se pensa serem causados pela actividade excessiva ou inapropriada do sistema imunitário, como por exemplo, asma, artrite reumatóide, lúpus, eczema...”* (Pág. 215 – Corticosteróides)

Quantificador indefinido: muitos – masculino, plural, quantidade indefinida

Exemplo 158

*“Used to treat **all** types of epilepsy.”* (Pág. 229 – Sodium valproate (antiepileptic)) – *“Usado no tratamento de **todos** os tipos de epilepsia.”* (Pág. 234 – Valproato de sódio (antiepiléptico))

Quantificador universal: todos – masculino, singular, variável

Exemplo 159

*“A concise description of **each** test is given below.”* (Pág. 86 – Common musculoskeletal tests) – *“Seguidamente é dada uma descrição concisa de **cada** teste.”* (Pág. 89 – Testes músculo-esqueléticos comuns)

Quantificador universal: cada – invariável

Exemplo 160

*“Get the patient to close their eyes. Alternately touch the patient with either **one** prong or **two**.”* (Pág. 157 – Two-point discrimination) – *“Peça aos pacientes para fecharem os olhos e alternadamente toque no paciente com **uma** ou **duas** pontas.”* (Pág. 152 – Discriminação de dois pontos)

Quantificador numeral: uma – feminino, singular

duas – feminino, plural

Exemplo 161

“We have tried to include as much information as possible by using illustrations, charts, tables and lists wherever practicable.” (Pág. ix – Preface) – *“Tentámos incluir toda a informação **quanto** possível através de ilustrações, gráficos, tabelas e listas.”* (Pág. 5 – Prefácio)

Quantificador relativo: quanto – masculino, singular

Exemplo 162

*“Used to induce general anesthesia, as well as reducing intracranial pressure in patients **whose** ventilation is controlled.”* (Pág. 230 – Thiopental (barbiturate)) – *“Usado para induzir a anestesia geral, bem como para reduzir a pressão intracraniana em pacientes **cuja** ventilação seja controlada.”* (Pág. 216 – Tiopental (barbiturato))

Quantificador relativo: cuja – feminino, singular

Os determinantes são parte integrante da língua portuguesa e fornecem informações sobre propriedades sintáticas e semânticas do grupo nominal; caracterizam a relação entre quem fala, o ser ou objecto de que se fala.

Como se pode observar, a nova terminologia linguística introduz uma classificação diferente da tradicional, incluindo nos determinantes apenas os artigos definidos e indefinidos, os demonstrativos e os possessivos. Os restantes – indefinido, numeral, interrogativo e relativo – são vistos pela mesma como quantificadores, excluindo-os dos determinantes, como anteriormente eram considerados.

2. GLOSSÁRIO

O glossário que se encontra em anexo foi construído tendo por base a obra *The Physiotherapist's Pocket Book Essential Facts at your Fingertips* e da respectiva tradução *Guia prático para o fisioterapeuta – Questões essenciais de fácil consulta*.

Este glossário tem por objectivo o esclarecimento de expressões e termos médicos, bem como de siglas e acrónimos, que foram encontrados ao longo da realização da tradução. Estes termos e expressões foram considerados por mim como os mais relevantes no contexto da obra. Elaborei este glossário com o intuito de clarificar e explicar certos termos científicos que aí ocorrem e cujo significado, não sendo do domínio comum, é fundamental para a compreensão da mesma. Deste modo, o próprio glossário é um documento de fácil consulta, tal como é o principal objectivo da obra: um guia acessível ao público que abrange várias áreas da medicina e que pode ser consultado tanto por especialistas como pelo público em geral.

A acessibilidade da consulta reside na organização por ordem alfabética, com estruturação em capítulos de termos médicos, de expressões médicas e de siglas e acrónimos. Cada entrada é escrita na língua de partida – a língua inglesa – fazendo-se acompanhar da sua classificação gramatical (n. de *noun*, expressão, sigla ou acrónimo); a entrada é então seguida da respectiva tradução para a língua de chegada – o Português Europeu – e da sua explicação sucinta. O sítio de internet de onde foi retirada a explicação é indicado logo a seguir à mesma e, para uma melhor compreensão da entrada, é citado o contexto onde esta aparece na obra, tanto no texto original, como na tradução. Finalmente, e para uma consulta mais pormenorizada sobre o contexto, é indicado o número da página a que ela se refere.

O glossário foi elaborado com o propósito de evitar as notas de rodapé ou de tradutor, permitindo, deste modo, uma leitura mais fluente da obra. Uma outra vantagem deste documento foi o facto de se ter recorrido a sítios de

internet para explicar cada entrada de uma forma clara, pois, assim, no caso de o leitor querer consultar a explicação completa, o acesso é facilitado.

No que toca ao capítulo das siglas e acrónimos, considere-se que seria de extrema importância produzir um capítulo dedicado a esse aspecto, visto que, na obra, aparece uma lista de abreviaturas, que necessitavam de ser mais clarificadas.

A sigla constitui uma forma de economia linguística que é muito frequente em Medicina. As siglas correspondem a um sintagma terminológico e “podem ser associação de letras que representam um conjunto pronunciável ou em que as letras mantêm o seu valor fonético normal” (Contente 2008: 170).

Este capítulo das siglas e acrónimos – termos formados a partir de grupos de letras de um termo e cuja pronúncia é exclusivamente silábica – não difere muito dos dois anteriormente referidos, uma vez que a sigla ou acrónimo é apresentado na língua de partida (inglês) seguida da sua classificação gramatical (sigla ou acrónimo) e do seu significado. A tradução é fornecida de imediato, sucedendo-lhe a explicação da sigla/acrónimo, acompanhada pelo sítio de internet de onde foi extraída. Por fim, é indicado o número da página onde foi encontrada a sigla ou acrónimo na obra original.

No entanto, existem algumas diferenças entre este capítulo e os dois anteriores. Observe-se que nem todas as entradas foram traduzidas, visto que não existe qualquer correspondente para a língua portuguesa. Contudo, o significado dessa sigla ou acrónimo foi apresentado.

Uma outra diferença reside no facto de que nem todas as siglas ou acrónimos terem uma explicação, pois decidi que não seria necessário sempre que o significado é transparente.

Finalmente, é de salientar o facto de algumas das explicações expostas neste glossário tiveram de ser traduzidas, pois muitos dos sítios de internet de onde foram retiradas, eram sítios de língua inglesa ou de Português do Brasil.

A tradução destas explicações foi importante por diversas razões: em primeiro lugar, o glossário teria de ser elaborado numa só variante da língua, neste caso em Português Europeu, para que houvesse coerência textual; em segundo lugar, embora a explicação estivesse em Português do Brasil, o que

permitia uma boa compreensão do assunto, considerámos preferível uma tradução para Português Europeu, uma vez que é essa a língua de trabalho e porque as variedades do português diferem uma da outra não só a nível do léxico como também da ortografia e sintaxe (p. ex. crônica – crónica, patela – rótula).

Assim, aquando da conclusão do glossário de termos médicos, pude constatar que se tratava de um documento esclarecedor, de consulta rápida e fácil, com os termos que, seguramente, suscitariam dúvidas no decurso da leitura da obra.

3. PORTUGUÊS DO BRASIL VS PORTUGUÊS EUROPEU

Todo o ser humano é capaz de comunicar porque tem a possibilidade de aceder à linguagem. Esta linguagem é a capacidade que o falante tem em usar símbolos que permitem representar o mundo e assim realizar certos tipos de acções, como dar ordens ou conselhos, fazer perguntas ou formular pedidos.

A linguagem humana está subdividida em três tipos: a linguagem verbal, ou seja, a comunicação por palavras, a linguagem não verbal, isto é, a comunicação através de gestos, de mímica ou de sinais convencionais (sinais a que se associam um determinado significado, p. ex. sinais de trânsito) e a linguagem mista, em que a comunicação se processa através da linguagem verbal e da linguagem não verbal. Por exemplo, quando uma pessoa está a falar ao telefone tem tendência a utilizar gestos.

O falante só pode comunicar com outros falantes através da linguagem, mas isso só é possível devido à existência da língua. A língua é uma herança colectiva que o ser humano possui, pois trata-se das várias relações que foram estabelecidas entre as gerações e os povos, ao longo dos tempos.

A língua é um sistema de signos que se organizam segundo regras gramaticais e que são indispensáveis para que o falante se relacione com o mundo. É por essa razão que o falante tem a capacidade de falar, pois quando pretende comunicar com outro falante, faz sempre uma selecção das inúmeras possibilidades que a língua lhe oferece, em termos de vocabulário e de regras de funcionamento. Quando isto acontece, o falante está a fazer uso da sua competência linguística, ou seja, o falante está a usar a língua em função desse vocabulário e dessas regras.

Para além do respeito por esses parâmetros, o falante tem, obrigatoriamente, de adequar aquilo que diz à situação de comunicação em que se encontra. A esta adequação dá-se o nome de *competência comunicativa*. Por exemplo, um jovem não poderá falar da mesma maneira que fala com os amigos ou com os pais: terá de optar por diferentes escolhas lexicais e formas de tratamento, de acordo com o interlocutor a quem se dirige. Do mesmo modo,

também a intenção comunicativa exige a adequação do discurso: este será diferente, consoante se queira dar uma simples informação ou exprimir um pedido, por exemplo.

Mas uma língua viva, a par dos traços que a identificam como pertença de uma dada comunidade linguística, está sujeita a inúmeras variações, tanto ao longo dos tempos como nos diferentes espaços geográficos. Trata-se, pois, da chamada variação linguística, em que a língua tem a propriedade de se diferenciar, em função da zona geográfica, da sociedade ou do tempo. Veja-se, então, as diferentes variações:

Variedades geográficas (ou dialectos) – são as diferentes formas que uma mesma língua assume ao longo do seu território, com características linguísticas próprias, como certas palavras cujos sons e significados são específicos de determinadas regiões.

Variedades sociais – são as variedades de uma língua usadas pelos falantes pertencentes ao mesmo nível sociocultural, e que partilham o mesmo nível socioeconómico e educacional. São também designadas como sociolectos.

Variedades situacionais – variedades que resultam da adaptação da linguagem dos falantes à situação de comunicação em que se encontram; pode-se, pois, afirmar que elas são fruto da competência comunicativa.

Para além destas variedades, não pude esquecer a variação histórica ou diacrónica, resultante da evolução temporal a que todas as línguas estão sujeitas.

Quanto às variedades do português, há ainda que ter em conta as alterações resultantes do contacto com outros povos e culturas ao longo de todo o processo de expansão e colonização.

Com efeito, a língua portuguesa é uma das inúmeras línguas do mundo que se sujeitou a estas variações. Os Descobrimentos, a colonização e, posteriormente, a emigração para todos os continentes, provocaram a expansão da língua para várias regiões de África, da Ásia e para o Brasil. Assim, é possível identificar pelo menos três variedades da língua portuguesa:

Variedade Europeia – esta variedade corresponde à língua falada em Portugal Continental e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Variedade Africana – corresponde ao português falado em Angola, na região de Luanda, falado em Moçambique e em Timor.

Variedade Brasileira – esta variedade corresponde ao português falado no Brasil.

Verifiquei, portanto, que a língua portuguesa está presente em muitos continentes, havendo diferentes dialectos da mesma. Apesar da existência de todas estas variedades, a única que tem um maior interesse em ser analisada no presente trabalho é a variedade brasileira, uma vez que foi com ela que me confrontei aquando da tradução da obra.

Em Portugal e no Brasil a língua oficial, isto é, a língua usada no contacto de um cidadão com a administração do país, coincide com a língua nacional, o português, falado pela maioria da população.

Quando um falante de língua portuguesa aprende a sua língua, consegue distinguir todas as variedades do português e consegue, da mesma forma, avaliar aquilo que faz ou não parte integrante da sua língua. É por esta razão que o falante de língua portuguesa consegue identificar quando está perante uma palavra em Português do Brasil.

As diferenças entre as duas variedades são inúmeras, mas não impedem a comunicação entre os falantes. Essas diferenças existem, principalmente, a nível fonético, morfológico e sintáctico, a nível das formas de tratamento e a nível lexical.

➤ **Nível fonético**

Vogais átonas são pouco reduzidas

Lévar em vez de levar

Pártir em vez de partir

Vogais tónicas são médias

Antônio em vez de António

Homogêneo em vez de homogéneo

Supressão da pronúncia do /r/ final

Mudá em vez de mudar

Senhó em vez de senhor

Semivocalização do /l/ final de palavra ou de sílaba

Auguma em vez de alguma

Animau em vez de animal

Introdução de um /i/ entre duas consoantes que não formam grupo no português

Abisurdo em vez de absurdo

Pineu em vez de pneu

➤ Níveis morfológico e sintáctico

Utilização e colocação das formas casuais dos pronomes pessoais

Eu vi ele na rua em vez de eu vi-o na rua

João se levantou em vez de João levantou-se

Construção aspectual

Estava comendo em vez de estava a comer

Ia andando em vez de ia a andar

Utilização de preposições

Foi no mercado em vez de foi ao mercado

Chegaram na sala em vez de chegaram à sala

Emprego dos verbos “ter” e “haver”

Tem fogo ali em vez de há fogo ali

Tinha um vendedor e vez de havia um vendedor

➤ **Nível lexical**

Utilização de variantes lexicais de diferentes origens

Moleque – miúdo

Senzala – habitação de escravos

➤ **Formas de tratamento**

Utilização de você familiar em vez de tu

Utilização de senhor ou senhora (a nível profissional) em vez da indicação do nome, do cargo, do título ou do grau de parentesco: Dr., Sr. Director

Como se pode verificar, as duas variedades da língua portuguesa têm diferenças muito acentuadas que, no entanto, não impedem a compreensão das mesmas.

Ao longo do trabalho de tradução muitos foram os vocábulos que surgiram em Português do Brasil, criando, pois, uma certa confusão quanto à tradução mais correcta. Isto aconteceu porque, como já anteriormente foi referido, a maioria da bibliografia de apoio à tradução e até mesmo os inúmeros sítios de internet estão em Português do Brasil. Efectivamente, verifiquei que muitos dos textos técnico-científicos traduzidos para português estão na variedade do Brasil. Há ainda a referir que muitos termos e expressões em Português do Brasil são traduzidos de forma quase directa da língua inglesa, o que poderá levar a confusões ortográficas ou erros de compreensão na variedade do Português Europeu.

Segundo Ghazi (1985:108 *apud* Contente (2008 : 267) « les variations géographiques sont également importantes et l'un des problèmes majeurs de l'enseignement médical est que beaucoup d'étudiants en médecine à travers le monde, lisent des ouvrages américains et anglais dont les descriptions ne correspondent pas aux patients de leur propre pays. »

Assim sendo, pensei que seria mais correcto se todo o relatório e respectivos anexos fossem escritos e/ou traduzidos para Português Europeu, uma vez que é essa a variante linguística dominante do trabalho.

Veja-se alguns exemplos ilustrativos.

Exemplo 163

“Abductors: *gluteus maximus, gluteus medius, gluteus minimus, tensor fascia lata, sartorius, piriformis*” (Pág. 23 – Hip) – “Abdutores: *glúteo máximo, glúteo médio, glúteo pequeno, tensor da fascia lata, sartório, piriforme*” (Pág. 27 – Anca)

Vocabulo em inglês: sartorius

Vocabulo em Português do Brasil: costureiro

Vocabulo em Português Europeu: sartório

Exemplo 164

“Plantarflexors: *gastrocnemius, soleus, plantaris, peroneus longus, tibialis posterior, flexor digitorum longus, flexor hallucis longus, peroneus brevis*” (Pág. 23 – Ankle) – “Flexores Plantar: *gastrocnêmio, solear, plantar, peronial longo, tibial posterior, flexor longo dos dedos, flexor longo do hálux, peronial curto*” (Pág. 27 – Tornozelo)

Vocabulo em inglês: gastrocnemius

Vocabulo em Português do Brasil: gastrocnêmio

Vocabulo em Português Europeu: gastrocnémio

Exemplo 165

“Origin: *long head – supraglenoid tubercle of scapula and **glenoid labrum**; short head – apex of coracoid process*” (Pág. 26 – Biceps brachii) – “Origem: *cabeça longa – tubérculo supraglenóide da escápula e **debrum da glenóide**; cabeça curta – ápex do processo coracóide*” (Pág. 30 – Bíceps dos braços)

Vocabulo em inglês: glenoid labrum

Vocabulo em Português do Brasil: labrum glenóide

Vocabulo em Português Europeu: debrum da glenóide

Exemplo 166

“Origin: *superior two-thirds of iliac fossa, inner lip of iliac crest, **ala of sacrum**, anterior sacroiliac and iliolumbar ligaments*” (Pág. 35 – Iliacus) –

“Origem: *2/3 superiores da fossa ilíaca, lábio interno da crista ilíaca, **asa do sacro**, ligamentos sacro ilíaco e iliolumbar anteriores*” (Pág. 40 – Ilíaco)

Vocábulo em inglês: ala of sacrum

Vocábulo em Português do Brasil: ala do sacro

Vocábulo em Português Europeu: asa do sacro

Exemplo 167

“Insertion: *base of **patella**, then forms part of **patellar** ligament*” (Pág. 46 – Rectus femoris) – “Inserção: *base da **rótula**, integrando o ligamento **rotular***” (Pág. 50 – Recto da coxa)

Vocábulo em inglês: patella

Vocábulo em Português do Brasil: patela

Vocábulo em Português Europeu: rótula

Exemplo 168

“*Ankylosing spondylitis*” (Pág. 73 – Ankylosing spondylitis) – “***Espondilite anquilosante***” (Pág. 76 – Espondilite anquilosante)

Vocábulo em inglês: ankylosing spondylitis

Vocábulo em Português do Brasil: espondilite ancilosante

Vocábulo em Português Europeu: espondilite anquilosante

Exemplo 169

*“A similar inflammatory process can affect the **paratenon** of those tendons without synovial sheaths (peritendinitis).”* (Pág. 81 – Tenosynovitis) – *“Um processo inflamatório semelhante pode afectar os **tecidos moles peritendinosos** daqueles tendões sem bainhas sinoviais (peritendinite).”* (Pág. 80 – Tenossinovite)

Vocabulo em inglês: paratenon

Vocabulo em Português do Brasil: paratenon

Vocabulo em Português Europeu: tecidos moles peritendinosos

Exemplo 170

*“Increased: liver disease, disseminated intravascular coagulation, factor XI, VIII (haemophilia A) and IX (haemophilia B) deficiency, hypofibrinogenaemia, malabsorption from GI tract, heparin or **warfarin therapy**”* (Pág. 188 – Activated partial thromboplastin time (APTT)) – *“Aumento: doença hepática, coagulação intravascular disseminada, deficiência do factor XI, VIII, (hemofilia A) e IX (hemofilia B), hipofibrinogenemia, malabsorção do tracto GI, heparina ou **terapêutica varfarina**”* (Pág. 182 – Tempo tromboplastina parcial activado (APTT))”

Vocabulo em inglês: warfarin therapy

Vocabulo em Português do Brasil: terapia warfarina

Vocabulo em Português Europeu: terapêutica varfarina

Como se pode observar, a maioria dos exemplos em Português do Brasil são traduções quase directas do inglês, o que leva a uma tradução incorrecta quando traduzi para Português Europeu.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objectivo enfatizar questões interlinguísticas e intralinguísticas de tradução decorrentes da tradução de inglês para português da obra *The Physiotherapist's Pocket Book Essential Facts at your Fingertips*, em que se entrecruzam diversas áreas da medicina, tais como o sistema músculo-esquelético, o sistema neurológico, o sistema respiratório e farmacologia. Sublinhe-se que a grande maioria das questões linguísticas aqui referidas se prende com o facto de se tratar de um livro de bolso, elaborado em linguagem acessível, destinado quer a um público diversificado, quer a um público de especialistas.

Por este facto, o trabalho de tradução, afigurou-se particularmente difícil em virtude da base científico-técnica da obra, pelo que foi necessário recorrer à ajuda de profissionais de saúde, de dicionários, da internet e de algumas obras e textos relacionados com a matéria em questão.

Deste modo, procurei, no presente relatório, dar uma imagem de esforço, trabalho e dedicação, dando conta das várias questões que foram surgindo ao longo da tradução. Procurei relatar, na base do paradigma linguístico, estes problemas de forma mais ou menos pormenorizada, sempre acompanhados de exemplos retirados da obra, para uma melhor compreensão das questões.

Houve ainda o cuidado de elaborar um glossário de termos e expressões médicas, bem como de siglas e acrónimos ligados à medicina, como forma de facilitar a compreensão da terminologia. Assim sendo, evitei notas de rodapé e de tradutor, obviando as constantes interrupções no acto da leitura.

No contexto do presente relatório também elaborei um capítulo sobre as variedades do Português do Brasil e do Português Europeu que me pareceu pertinente.

Concluo, o presente relatório, ciente de ter dado conta de todas as questões centrais inerentes à tradução deste manual de fisioterapia para Português Europeu, o que penso, passará, caso seja publicado, a constituir uma mais-valia para especialistas e, sobretudo, para o público em geral.

5. BIBLIOGRAFIA

5.1. Livros

BIBER, Douglas, CONRAD, Susan, LEECH, Geoffrey, *Student Grammar of Spoken and Written English*, Longman, 2002.

CALDAS, Alexandre Castro, *A Herança de Franz Joseph Gall, o Cérebro ao Serviço do Comportamento Humano*, Editora McGraw-Hill, 2000.

CONTENTE, Maria Madalena Dias Marques, *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*, Edições Colibri, 2008.

DOS SANTOS, José Martins, CAVACAS, Alzira, S. SILVA, António José, ZAGALO, Carlos, EVANGELISTA, José Grillo, OLIVEIRA, Pedro, TAVARES, Vítor, *Anatomia Geral*, 4.^a Edição, Editora Moreno, 2004.

EDITE, Estrela, SOARES, Maria Almira, LEITÃO, Maria José, *Saber Escrever Saber Falar, Um guia completo para usar correctamente a língua portuguesa*, 3.^a Edição, Publicações Dom Quixote, 2004.

EDITORA, Dicionários, *Dicionário de Inglês-Português*, 3.^a Edição, Porto Editora, Porto, 1998.

ESPANHA, Margarida, *Anatomofisiologia, Tomo I, Sistema Osteo-articular*, Capítulo 3 e 4, Ciências da Motricidade, Edições FMH, 2006.

ESPANHA, Margarida, DA SILVA, Paulo Armada, PASCOAL, Augusto Gil, CORREIA, Pedro Pizarat, OLIVEIRA, Raúl, *Anatomofisiologia, Tomo III, Funções da vida orgânica interna*, Capítulo 5, Ciências da Motricidade, Edições FMH, 2007.

INFARMED, Instituto Nacional da Farmácia e do Medicamento, *Vademecum*, Ministério da Saúde, 2005.

KISNER, Carolyn, COLBY, Lynn Allen, *Exercícios Terapêuticos, Fundamentos e Técnicas*, Capítulo 2, 4.^a Edição, Editora Manole, 2005.

LE GUERN, Michel, *Semântica da Metáfora e da Metonímia*, Coleção Universitas/Telos, Porto, 1973.

MAGEE, David J., *Avaliação Musculoesquelética*, Capítulos 1, 3, 7, 3.^a Edição, Editora Manole, São Paulo, 2002.

MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, FARIA, Isabel Hub, *Gramática da Língua Portuguesa*, 2.^a Edição, Caminho, 1989.

MERCK, *Manual Merck, Saúde para a Família*, Merck Sharp & Dohme, Oceano.

MICHAELIS, *Dicionário de Termos Médicos, Inglês-Português com glossário Português-Inglês*, Editora Melhoramentos Ltda, 2007.

MOURA, José de Almeida, *Gramática do Português Actual*, Lisboa Editora, 2008.

PUTZ, R., PABST, R., *Sobotta – Atlas de anatomia Humana, Volume 1, Cabeça, Pescoço e Extremidade Superior*, 21.^a Edição, Guanabara Koogan, 2000.

PUTZ, R., PABST, R., *Sobotta – Atlas de anatomia Humana, Volume 2, Tronco, Vísceras e Extremidade inferior*, 21.^a Edição, Guanabara Koogan, 2000.

SEMINO, Elena, *Metaphor in Discourse*, Cambridge University Press, 2008.

WEHMEIER, Sally, ASHBY, Michael, *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, A S Hornby, Sixth Edition, Oxford University Press, 2000.

5.2. Sitologia

<http://www.actamedicaportuguesa.com/>

<http://www.adrnp-sede.org.pt/>

<http://www.aidscongress.net/>

<http://www.aidsportugal.com/>

<http://www.americanheart.org/>

<http://www.anea.org.pt/>

<http://www.anesthesia-analgesia.org/>

<http://www.apcl.pt/>

<http://www.apostomizados.pt/>

<http://www.cfeducation.ca/>

<http://www.chestjournal.org/>

<http://www.clinlabnavigator.com/>

<http://www.cvphysiology.com/>

<http://www.datadictionaryadmin.scot.nhs.uk/>

<http://www.deco.proteste.pt/>

<http://www.doctorslounge.com/>

<http://www.emedicinehealth.com/>

<http://medicine.medscape.com/>

<http://www.esht.nhs.uk/>

<http://www.ess.ips.pt/>

<http://www.faccia.pt/>

<http://www.ff.up.pt/>

<http://www.forumenfermagem.org/>

<http://ghr.nlm.nih.gov/>

<http://www.google.pt/>

<http://www.healthscout.com/>

<http://health.howstuffworks.com/>

<http://www.healthsystem.virginia.edu/>

<http://www.hopkinsmedicine.org/>

<http://www.icu-usa.com/>

<http://www.infarmed.pt/>

<http://www.integralconvenio.com.br>

<http://www.interbabies.co.uk/>

<http://www.internethealthlibrary.com>

<http://www.kneeguru.co.uk>

<http://www.manualmerck.net/>

<http://www.mayoclinic.com>

<http://mdsalaries.blogspot.com/>

<http://www.medal.org/>

<http://www.medal.org/>

<http://www.medcenter.com>
<http://www.medicineonline.com/>
<http://www.medicoassistente.com/>
<http://medicosdeportugal.saude.sapo.pt/>
<http://www.medcyclopaedia.com>
<http://www.medipedia.pt/>
<http://www.medterms.com/>
<http://www.merck.com>
<http://www.mowaa.org/>
<http://www.myelitis.org/>
<http://nebm.ist.utl.pt/repositorio/download/430/7>
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/>
<http://www.netdoctor.co.uk/>
<http://www.neurofisio.com/>
<http://www.nhlbi.nih.gov/>
<http://www.nhs.uk/>
<http://www.nhslanarkshire.org.uk/>
<http://www.online-medical-dictionary.org/>
<http://orthoinfo.aaos.org/>
<http://www.paraquenaolhefalteoar.com/>
<http://www.patient.co.uk/>
<http://pediatrics.aappublications.org/>
<http://www.pediatric-orthopedics.com/>
<http://www.pipermedical.com/>
<http://podologia.sapo.pt/>
<http://www.priberam.pt/>
<http://www.roche.pt/>

<http://saude.sapo.pt/>

<http://www.sinaisvitalis.pt/>

<http://www.sott.net>

<http://www.spaic.pt>

<http://www.spp.pt/>

<http://www.sppneumologia.pt>

<http://www.tecnet.pt/>

<http://www.thefreedictionary.com>

<http://www.virtualcancercentre.com>

<http://www.wgate.com.br>

<http://www.whonamedit.com/>

<http://wikipedia.org/>

<http://www.wrongdiagnosis.com/>